



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

Ricardo Miguel Neves Rodrigues

Coimbra
2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

**ESCOLA EB 2,3/S DR. DANIEL DE MATOS – VILA NOVA DE
POIARES**

Relatório para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob orientação científica do Professor Doutor Amândio Santos.

Ricardo Miguel Neves Rodrigues

2008020988

Coimbra

2013

Esta obra deve ser citada como:

Rodrigues, R. (2013). *Relatório Estágio Pedagógico desenvolvido na EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos junto da turma 9ºB no ano letivo 2012/2013 – “Tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física”*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Revela uma enorme importância englobar este ponto, que reconhece todo o louvor com as pessoas que estiveram do meu lado incondicionalmente, na minha formação pessoal e profissional, atingindo todo o sucesso que consegui ao longo destes anos de formação académica.

Agradeço à minha Mãe e ao meu Pai todo o esforço ao longo da minha formação académica, para me dar a possibilidade de ter uma vida profissional qualificada, por estarem sempre do meu lado nos momentos menos bons e darem ânimo para ultrapassar as dificuldades.

Agradeço ao meu orientador de estágio, Marco Rodrigues, por todos os ensinamentos, pelo profissionalismo, pelo companheirismo, dedicação e amizade que proporcionou este ano.

Agradeço ao supervisor da Faculdade, Amândio Santos, pelas experiências evidenciadas e transmitidas ao longo deste ano.

Agradeço ao Grupo de Educação Física e à Professora Carla Marques por todos os ensinamentos transmitidos e experiência, assim como aos meus alunos do 9ºB pela experiência espetacular que tive todo o ano e pela amizade evidenciada.

Agradeço aos meus colegas de estágio, David e Vítor, pelo companheirismo, pela amizade, por toda a solidariedade e por toda a paciência demonstrada nesta etapa.

Aos meus Amigos, pelos momentos de apoio e de diversão que são sempre únicos quando estamos juntos e me fazem sentir que não estou só no caminho.

E a Mónica, a minha namorada, por toda a paciência, ajuda, compreensão que teve nesta etapa da minha vida, sobretudo pelo apoio incondicional que me deu para a concretização deste meu sonho.

A todos eles, o meu sincero Obrigado!

RESUMO

O estágio pedagógico promove a aquisição de um conjunto de saberes profissionais e pessoais, de atitudes práticas na identificação e resolução de problemas pedagógicos, que servirão como base de sustentação para uma possível integração numa carreira docente na área da Educação Física.

O presente Relatório Final de Estágio surge no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico, considerado no Plano de Estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, tendo sido a prática desenvolvida na Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos com a turma do 9ºB.

A sua finalidade prende-se com a necessidade de reflexão acerca das atividades desenvolvidas no círculo da intervenção pedagógica. Assim, primeiramente será feita uma contextualização da prática desenvolvida relativamente às minhas expectativas iniciais e objetivos de formação. Posteriormente deverá surgir uma reflexão e justificação das opções tomadas nas atividades desenvolvidas.

Toda a reflexão posterior é de extrema importância, apontando as dificuldades vivenciadas e suas formas de resolução, passando pela ética profissional, questões dilemáticas e por último as conclusões referentes à formação inicial.

A finalizar este documento estará um aprofundamento de um tema escolhido por mim, de nome *“Tempo de empenho motor dos alunos numa aula de Educação Física de noventa minutos, pelos professores da Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos”*.

Palavras-chave: Conhecimentos; Alunos; Diferenciação; Intervenção Pedagógica; Ensino – Aprendizagem; Avaliação; Reflexão.

ABSTRACT

The pedagogical training promotes the acquisition of a set of personal and professional knowledge as well as practical attitudes in identification and solving educational problems, which serve as a support for a possible inclusion in a teaching career in Physical Education field.

This Training Final Report is part of the Teacher Training curricular units, considered in the course syllabus of 2nd year of the Master in Physical Education Teaching at Basic and Secondary Level, University of Coimbra. The practical sessions were performed in EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos School with the 9^oB class.

The main purpose is the need to reflect on the activities developed in the circle of pedagogical intervention. So, in first place there will be a contextualization of practice developed in relation to my initial expectations and training goals. Later, in this document will appear a reflection and justification of the choices made in developed activities.

The reflection mentioned above is extremely important because it points out the difficulties experienced and ways of resolution, as well as professional ethics, issues and dilemmas and, at last, the initial training conclusions.

In the end of this document is a complete study of a topic chosen by me, whose title is "Intervention strategies: class time management – the motor effort time of students in Physical Education class about ninety minutes, by teachers in the EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos School".

Keywords: Knowledge; Student; Differentiation; Pedagogical Intervention; Teaching – Learning; Evaluation; Reflexion.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
SUMÁRIO	v
Declaração de Compromisso de Originalidade do Documento	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA	3
1. Definição das Expectativas Iniciais	3
2. Caracterização do Contexto	6
2.1 Realidade Escolar.....	6
2.2 O Grupo de Educação Física	7
2.3 O Núcleo de Estágio	7
2.4 Os Professores Orientadores.....	8
2.5 Auxiliares da Acção Educativa	8
2.6 Breve Caraterização da Turma	9
CAPITULO II – ANÁLISE REFLEXIVA	11
1. Atividades Desenvolvidas	11
1.1. Planeamento	12
1.1.1. Planeamento Anual	13
1.1.2. Unidades Didáticas	16
1.1.3. Planos de Aula.....	17
1.2. Realização	21
1.2.1. Intervenção Pedagógica	21
1.2.1.1. Instrução / Feedback	22
1.2.1.2. Organização / Gestão	24
1.2.1.3. Clima / Disciplina	27
1.2.1.4. Decisões de ajustamento	28
1.3. Avaliação.....	29
1.3.1. Avaliação Inicial	30

1.3.2. Avaliação Formativa	31
1.3.3. Avaliação Sumativa	32
1.4. Componente Ético – Profissional.....	34
2. Aprendizagens efetuadas enquanto professor estagiário	36
3. Compromissos com a aprendizagem dos alunos.....	38
4. Dificuldades e estratégias de resolução de problemas	40
5. Questões dilemáticas	42
6. Conclusões.....	44
7.1. Impacto do estágio pedagógico na minha moldagem pessoal e profissional	44
CAPÍTULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA.....	46
1. Introdução do tema/problema	46
2. Enquadramento teórico e pertinência do estudo.....	47
3. Definição do problema.....	51
4. Objetivos e limitações do estudo	52
4.1. Objetivos	52
4.2. Limitações do estudo.....	53
5. Metodologia.....	54
5.1 Amostra.....	55
5.1.1. Caracterização da Amostra.....	56
5.2 Instrumentos	56
5.3 Material	57
5.4 Procedimentos	57
5.5 Desenho Experimental	58
6. Apresentação e discussão dos resultados.....	60
7. Conclusões.....	69
ANEXOS.....	76

Declaração de Compromisso de Originalidade do Documento

Eu, Ricardo Miguel Neves Rodrigues, 2008020988 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s) do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final de Estágio surge no âmbito nas unidades curriculares de Estágio Pedagógico, inserido no Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e pretende refletir as aprendizagens multidisciplinares pelo processo de prática profissional na Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos.

Este documento é o culminar de um ano letivo, no qual serão abordadas todas as atividades desenvolvidas, analisando de forma aprofundada e criteriosa todo o percurso relativo ao Estágio Pedagógico.

A realização deste estágio pedagógico foi uma excelente forma de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante o 1º ano do mestrado, bem como durante os anos de licenciatura, apresentando-se como um desafio difícil de ultrapassar devido à clara inexperiência pedagógica com que iniciei este estágio, mas, ao mesmo tempo, proporcionando uma grande evolução em termos pessoais e profissionais, dando-me a capacidade de melhor desempenhar a função de docente na disciplina de Educação física.

Devido à recente reorganização curricular no que diz respeito ao Ensino, que contraria a mentalidade vigente, atribui-se à escola e ao corpo docente um papel central pela maior autonomia concedida e um maior protagonismo na gestão do currículo. Assim, o Professor passou a ser ainda mais responsável pelas decisões relativas aos modos de gerir o processo de ensino e aprendizagem, (re)construindo localmente o currículo nacional, identificando problemas educativos e procurando soluções para esses mesmos problemas. Por outro lado, a escola mais do que informar, tem que formar e educar respondendo às necessidades de uma sociedade em permanente mudança.

O professor desempenha um papel fundamental e de grande responsabilidade na sociedade, uma vez que é o elo de ligação entre os alunos e a escola, entre o aprender e o saber. É obrigatório e necessário sabermos-nos movimentar em todos os contextos inerentes à comunidade escolar, pois a exigência de ensinar é cada vez maior. Os alunos apresentam-se com níveis de ensino diferenciados, e o

professor tem de identificar as necessidades e as expectativas que os alunos têm relativamente à escola e, deste modo, adequar o processo de ensino-aprendizagem, para que não seja difuso das competências e capacidades dos alunos.

Posto isto, o presente Relatório procura evidenciar as aprendizagens desenvolvidas essencialmente na área de atuação disciplinar: Estágio Pedagógico. Assim, o corpo do documento estruturar-se-á de acordo com duas linhas orientadoras pelo que primariamente se privilegiam elementos descritivos acerca das expectativas e opções iniciais em relação ao Estágio, atividades desenvolvidas bem como as decisões que foram tomadas. Posteriormente realizar-se-á uma reflexão dos procedimentos que sustentaram o desenvolvimento curricular para a turma lecionada e um balanço sobre a experiência de prática pedagógica, sobre as necessidades de formação e a ética profissional, individual e de grupo. Abordar-se-á ainda, o aprofundamento de um tema que procura o desenvolvimento de uma problemática evidenciada no estágio. “*O Tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física*” foi a temática seleccionada, apresentando-se mais como um caso pertinente do que uma problemática.

Importa referir que a minha formação não termina aqui. Errei muito, aprendi bastante com esses erros, encarando-os de uma forma positiva e como algo que me permitiu evoluir a cada dia.

CAPITULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA

1. Definição das Expectativas Iniciais

E eis que surge o dia! O processo que começou há 4 anos está agora numa nova fase, o estágio pedagógico. Após uma longa caminhada, iniciada desde a minha infância, eis chegado o momento pelo qual tanto ambicionei: deixar a condição de aluno e iniciar a de professor!

No decurso desses anos, fomos apetrechados dos mais variados conhecimentos e saberes, vivenciámos diversas experiências, sendo elas, no entanto, pouco semelhantes à realidade que na escola irei encontrar. Desta forma, acho que o Estágio Pedagógico é a experiência de todos estes anos, uma fase de extrema importância na minha formação, e espero que me preencha, de tal forma que, de hoje a um ano me sinta mais confiante, mais capaz, mais homem, mas acima de tudo, orgulhoso por ter sido um professor que de alguma forma contribuiu para a formação de diversas crianças e jovens.

Os testemunhos dos meus colegas que já haviam terminado o curso, também contribuíram para aumentar este meu estado de espírito, uma vez que todos afirmavam o quão difícil e trabalhoso seria o ano que se aproximava. Contudo, também eram unânimes em dizer que seria um ano de grandes e profundas mudanças e de inquestionável importância para a minha formação profissional e pessoal, o que me motivou ainda mais para o enfrentar e dele usufruir o que de mais valioso me poderia proporcionar.

O Estágio Pedagógico abrange outras componentes para além das aulas de Educação Física e que são também muito importantes. Elas contribuirão para o enriquecimento da minha formação pessoal, tais como a questão de participação na escola. No meu entender a acção pedagógica do professor não se pode limitar à relação que este mantém com os seus alunos no espaço da aula, o professor não deve pensar que a sua influência se inicia e finda com o soar do toque de entrada e de saída. A sua actuação e o seu raio de influência têm de ser ampliados a toda a comunidade escolar, pois o professor é membro integrante de um grupo que

procura, em conjunto, desenvolver o aluno em toda a sua potencialidade. O professor deve assumir um papel activo e contribuir com os seus conhecimentos e a sua personalidade para a promoção do sucesso educativo. Nesse sentido, pretendi enquanto professor dar o meu contributo quer na formação dos meus alunos, quer como elemento pertencente a uma comunidade escolar, e como tal inculcir o gosto e valorização pela nossa disciplina.

Este estágio é uma peça fundamental na formação do professor, pois é aqui que se põe em prática toda a aprendizagem adquirida. O estágio permite também alcançar um melhor nível no desempenho da profissão e dando-nos, ainda, a oportunidade de verificar o que realmente é ser professor. Assim, considero fundamental para a consolidação de toda a aprendizagem adquirida até então, a oportunidade de a colocar em prática, no âmbito da formação contínua, explorando as atividades propostas com o intuito de crescer enquanto pessoa e professor de Educação Física, tendo um impacto positivo em relação aos alunos que vou encontrar.

As minhas expectativas em relação ao núcleo de estágio que iria encontrar eram altas. Apesar de não conhecer os meus colegas muito bem, sabia que estavam com a mesma disposição que eu, em prol do conhecimento. No que respeita ao orientador da escola, não conhecia e não sabia o que esperar, apesar de antigos colegas que estagiaram na mesma escola, referirem que era um excelente professor, conhecedor do ensino da Educação Física.

Relativamente à turma que eu escolhi devido a compatibilidade de horário, não tinha nenhuma formação sobre ela, foi uma escolha que não teve qualquer tipo de interferências ou condicionantes. Julgava que num meio mais pequeno como é Vila Nova de Poiares os alunos fossem mais humildes, simpáticos, presentes, singulares, que não fossem mal-educados nem desrespeitadores. Esta situação veio-se a verificar com um clima de escola espetacular.

Durante o ano letivo, aula após aula procurei que o meu desempenho passasse por “acertar mais do que errar”, desviando-me daqueles que ignoram os erros do passado e que por isso estão condenados a repeti-los no futuro.

Numa fase inicial, em conjunto com o nosso orientador, identifiquei as minhas fragilidades e procurei encontrar estratégias para as colmatar. Como resultado deste trabalho foi elaborada a seguinte tabela:

Tabela 1 – Identificação de fragilidades de desempenho/ Estratégias de supervisão/formação previstas.

<u>Planeamento</u>	
A melhorar	Estratégia
1. Organização da aula e dos alunos na aula	Trabalhar o tema em contexto de reunião do núcleo de estágio e observação do seu efeito na prática, nas aulas dos estagiários e do orientador. O orientador leccionará algumas aulas das turmas dos estagiários, seguindo a sua planificação, e estes observarem-nas.
2. Melhorar a seleção dos exercícios	Investigar mais acerca das matérias de ensino e criar uma base de dados pessoal mais alargada, para poder fazer face aos desafios que vão surgindo
3. Melhorar a preparação da aula, no que concerne à gestão do material, do espaço, dos alunos e dos próprios exercícios.	Investimento pessoal mais atento nesta tarefa.
4. Melhorar o conteúdo dos documentos	Reforçar e melhorar o trabalho em grupo, promovendo a discussão e comparação de estruturas e formas de trabalho
<u>Realização</u>	
5. Melhorar as estratégias de ensino na aula, de forma a torná-la mais dinâmica, com mais energia e mais alegre	Discussão em contexto de reunião de núcleo de estágio. Observação das aulas do orientador e dos estagiários e posterior discussão.
6. Melhorar a qualidade da informação transmitida aos alunos, de uma forma mais clara, sintética e precisa	Maior domínio do conteúdo, por aquisição de conhecimento, e maior reflexão individual e em grupo, do que é importante e do que é acessório
7. Melhorar a quantidade e, principalmente, a qualidade do feedback. Fechar o ciclo do feedback.	Investigar mais acerca das matérias de ensino, de forma a dominar plenamente o conteúdo, para assim conseguir perceber quais as componentes críticas fundamentais do gesto ou acção, para, a partir daqui, corrigir com mais eficácia
8. Controlo da atividade dos alunos. Feedback coletivo e cruzado	Observação das aulas dos colegas estagiários, do orientador e, se necessário, de outros professores da escola.
9. Intervir com os alunos no sentido da superação das suas capacidades e empenho na aula	Discussão em contexto de reunião de núcleo de estágio. Observação das aulas do orientador e dos estagiários e posterior discussão.
10. Maior utilização da demonstração como meio de ensino.	Experimentar a utilização de outros recursos na aula.
11. Utilização de auxiliares de ensino	

2. Caracterização do Contexto

A primeira vez que me desloquei à Escola, na companhia dos meus colegas de estágios David Nunes e Vítor Pires, teve como finalidade a nossa apresentação ao orientador de estágio, o Professor Marco Rodrigues. A partir desse momento, iniciei a minha integração nas primeiras vivências profissionais, a minha segunda casa ao longo deste ano letivo tendo tido, nesta ocasião, a oportunidade de dialogar e me relacionar com alguns colegas do Grupo Disciplinar.

2.1 Realidade Escolar

A escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos situa-se em V. N. de Poiares, cujo concelho pertence ao Distrito de Coimbra. Faz fronteira com os concelhos de Lousã, Góis, Arganil, Penacova, Miranda do Corvo e Coimbra. Apesar do carácter agro-florestal do concelho, o número de pessoas dependente da agricultura e da atividade florestal tem vindo a decrescer de forma significativa. Este decréscimo pode ser explicado pela crescente importância do sector terciário na estrutura económica do concelho, assim como no país. As Indústrias Transformadoras e as Atividades Comerciais constituem a base económica do concelho.

A escola alberga 43 salas de aula distribuídas por 5 pavilhões (A, B, C, D e Polivalente). No Polivalente também se encontram os serviços de reprografia, papelaria, sala dos professores, Conselho Executivo, sala de trabalho dos professores, cozinha, refeitório e bar. Os graus de ensino leccionados abrangem o 2º e 3º Ciclos e o Secundário (desde o 5º ano até aos 12º ano).

No que respeita à Educação Física, as condições para a prática podem ser vistas como razoáveis. No meu entender o Pavilhão Polidesportivo deveria oferecer condições materiais que propiciassem um melhor funcionamento e gestão das aulas, nomeadamente a existência de espaldares e tabelas de Basquetebol fixas com campos transversais ao 40x20.

No entanto, nas matérias mais nucleares, como é o caso da Ginástica, existem algumas lacunas a nível de colchões. Posso referir um caso prático em que minha

grande dificuldade na leccionação de Judo se relacionou com o facto existirem poucos colchões para formar um “tatami”.

Outro dos aspectos que também limitam a leccionação é o facto do grupo disciplinar de educação física estabelecer que no espaço exterior só se pode abordar determinadas matérias, devido à preocupação com a manutenção do estado de conservação dos materiais. Existem alguns problemas com os espaços quando está a chover porque todas as aulas têm de ser leccionadas dentro do Gimnodesportivo, embora exista uma solidariedade entre os docentes, articulando-se para que possam todos dar aula nesse espaço.

2.2 O Grupo de Educação Física

O Grupo de Educação Física da EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos é constituído por cinco professores de Educação Física e por três estagiários. Apesar de, como estagiários, termos um papel passivo nas reuniões de grupo, senti-me bem integrado. O hábito criado nesta Escola, com a presença dos grupos de estágio nestas reuniões, contribui, na minha opinião, para essa integração. O acolhimento e entreaajuda de alguns professores revelaram-se muito importantes e significativos para o nosso crescimento profissional e relacional.

2.3 O Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio, constituído por mim, pelo orientador Marco Rodrigues e pelos meus colegas David Nunes e Vítor Pires, foi um núcleo forte e unido em prol de um ensino melhor. Todo este processo de estágio decorreu da melhor forma, em grande parte consequência da boa ligação entre os elementos do grupo. Por vezes, entre nós estagiários, devido à nossa vida extra-escola, reuníamos pouco tempo, menos vezes do que era desejável. Mesmo assim, longe uns dos outros conseguimos que tudo corresse pelo melhor, elaborando as tarefas e cumprindo os objetivos que nos eram propostos.

2.4 Os Professores Orientadores

O Professor Marco Rodrigues foi uma das principais razões da escolha desta escola, por ter informações positivas relativamente à sua metodologia de trabalho e à orientação de estágio da escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos. Assim, sendo o Professor Marco o principal agente neste estágio, o seu papel foi de enorme importância em todo o sucesso na atividade pedagógica. Foi criada a proximidade desejável entre orientador e estagiários, cabendo-nos a nós respeitar a hierarquia que nos separava. Mais que um orientador foi um AMIGO, existindo uma relação de estagiário-orientador extraordinária. É, foi e será uma referência como professor e Homem! A ele desde já, o meu grande obrigado!

O orientador fez sempre o possível para que as nossas aulas fossem leccionadas sem qualquer tipo de condicionantes, dando-nos toda a liberdade para a adoção de estratégias no decorrer das mesmas. As suas estratégias, técnicas e correções metodológicas foram sempre de uma utilidade extrema na nossa evolução. Sempre que existia uma ideia, tentava perceber os nossos fundamentos, desde que devidamente fundamentados e coerentes. Ressalto o seu empenho em criar condições ótimas para os estagiários evoluírem, a sua tranquilidade, simpatia, conhecimentos e sabedoria que sempre se disponibilizou a partilhar.

Relativamente ao orientador da Faculdade, o Professor Doutor Amândio Santos, um professor com um vasto leque de conhecimentos, não só pedagógicos mas de treino de alto rendimento. Há que referir que os conhecimentos transmitidos, as experiências de vida e as suas críticas construtivas, ao longo deste ano letivo, nos permitiram construir alternativas, pensar o ensino, a nossa situação na comunidade escolar de modo a que cada um de nós conseguisse melhorar a sua intervenção pedagógica, fornecendo-nos muitas informações, preciosas para o nosso sucesso como futuros profissionais de Educação Física.

2.5 Auxiliares da Acção Educativa

Existe um grupo que não deixa de ser fulcral no seio da comunidade escolar, pessoas com quem me relacionei diariamente que, à primeira vista, podem parecer ter um papel secundário em todo este processo. Na minha opinião, as auxiliares de

acção educativa desta Escola, as funcionárias presentes no Pavilhão Gimnodesportivo, constituíram sem dúvida, uma óptima base para a realização de um bom Estágio Pedagógico.

Posso, assim, concluir que a minha integração no meio escolar foi bastante fluída e tranquila, não sendo visto como um intruso, sendo acompanhado de forma próxima por pessoas de óptimo trato, com quem rapidamente conquistei confiança e, acima de tudo, muito respeito.

2.6 Breve Caracterização da Turma

A turma é atualmente constituída por 19 alunos, 9 rapazes e 10 raparigas, a média de idades é de 14,21 anos. Dos alunos inquiridos apenas seis não praticam desporto fora de aulas, dos restantes apenas três são federados, sendo que dois destes alunos praticam Futebol e um pratica Judo e Futsal. Os restantes alunos afirmam praticar desporto mas não federado. O gosto pela disciplina de Educação Física é referido por 8 alunos, dando estes especial importância à mesma, pelo facto de alimentar o gosto pela prática desportiva e também por ser uma aula diferente, de carácter mais prático. Nenhum dos alunos refere não gostar das aulas desta disciplina. Os alunos referiram nos inquéritos que gostariam de praticar outras modalidades, como o Basebol, Hóquei em Patins, Natação e Judo. Em relação à nota final da disciplina de Educação Física, referente ao ano transacto, podemos verificar que as notas dos alunos nesta disciplina não são muito heterogéneas, tendo um aluno apenas com 3 valores (notas de 0 a 5 valores), dois outros alunos com 5 valores (nota máxima) e os restantes com uma nota de 4 valores.

Após esta análise presumi, que tinha uma ótima turma, e que me esperava um ano cheio de desafios, respondendo às expectativas dos alunos.

Apesar, do número de inqueridos ser dezanove, a turma é composta por vinte alunos. Um aluno sofreu um acidente durante o Verão estando internado no hospital da Universidade de Coimbra até ao momento. Este aluno tinha algumas limitações a nível cognitivo, sendo que no 8º ano de escolaridade só frequentou EV, Teatro, ET, EF e FC. Apesar de ter respondido ao inquérito, uma aluna apresentava uma distrofia muscular das cinturas (laminopatia), apresentando-se com muita pouca mobilidade, caminhando nas pontas dos pés. Esta aluna não frequentou nenhuma

aula de Educação Física, sendo fornecido trabalhos escritos de pesquisa sobre matérias lecionadas na disciplina em todos os períodos para obtenção de uma nota no final de período. Nas horas da aula, a aluna dirigia-se para a biblioteca para junto da professora de Educação Especial, respeitando os programas de Apoio Pedagógico Personalizado e Adequações Curriculares Individuais que são colocados em prática "se os problemas de saúde a impedirem de comparecer à escola" e Adequações no processo de Avaliação.

CAPITULO II – ANÁLISE REFLEXIVA

1. Atividades Desenvolvidas

“Para poder existir na escola, ao lado de outras disciplinas, o desporto tem de se justificar e explicar pedagogicamente”

(Bento,1998)

Nesta área específica do Estágio Pedagógico foram desenvolvidas e aperfeiçoadas todas as competências necessárias que um professor deve adquirir, para uma adequada condução do processo de ensino – aprendizagem.

É impossível pensar que o ensino se resume à transmissão e apropriação simples da matéria programativa, que é aconselhável exercer a profissão de docente sem se criar dinâmicas de atuação que promovam alterações relativamente estáveis do desenvolvimento social e psicomotor dos alunos. Naturalmente que o docente deverá adequar à realidade onde se encontra. Nunca um planeamento realizado numa escola poderá servir noutra. Assim, sempre que as características dos alunos o permitirem, é relevante que se desenvolvam respostas pedagógicas e metodológicas favoráveis ao sucesso educativo, cada vez mais desafiador e aliciante.

Para se desenvolver o currículo na escola, o professor não se pode fechar dentro de uma sala de aula à espera que as coisas apareçam sozinhas. Deverá ser um investigador dos normativos da escola, do Programa Nacional de Educação Física e do contexto em que decorre a aprendizagem, ser claramente um conhecedor e investigador permanente das matérias que ensina. Parece-me que só assim é possível haver intencionalidade e racionalidade na antecipação ao currículo real.

Durante o ano de estágio muitas foram as atividades desenvolvidas, sabendo que, todas elas tiveram o conhecimento do professor Marco Rodrigues, proporcionando-nos assim a experimentação, liberdade de escolha, criatividade e a originalidade, relativamente às diversas práticas pedagógicas.

Importa ainda referir toda a importância que o professor Marco tomou em todas as minhas decisões ao longo do ano letivo, desde a fase da planificação, em que foram detetados e corrigidos erros e lacunas, até à orientação do ensino para a minha turma. Neste ponto, estas serão justificadas, descrevendo a sua importância para o trabalho efetivado, desde o planeamento, passando pela realização e por fim a avaliação, entre outros pontos que considere pertinente aqui referir.

Não interessa só justificar, mas também realizar uma reflexão constante sobre o que foi realizado, das dificuldades sentidas e das estratégias utilizadas para ultrapassá-las, nunca ficando nós com a certeza absoluta se a opção que tomámos foi a mais correta, visto que o processo Ensino-Aprendizagem é algo que está sempre em constante evolução, uma vez que uma opção tomada hoje pode mudar completamente no futuro.

1.1. Planeamento

O planeamento é um dos trabalhos mais exigentes do Estágio. Esta fase é entendida como a definição de todas as aprendizagens que os alunos vão desenvolver ao longo do ano, e está ao cargo dos professores a definição dessas várias metas. A essência do ensino não permite que as ações pedagógicas sejam planeadas isoladamente, de aula para aula, partindo de fragmentos de processos de formação de capacidades e habilidades, processos de aquisição de conhecimentos, processos de educação e de desenvolvimento da personalidade dos alunos. No ensino, deve-se traçar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um amplo intervalo de tempo. Em coerência com Bento (1998), “*o ensino constitui o elo decisivo na cadeia do processo global de formação e educação*”.

É neste contexto que serão descritas e refletidas as referências de organização do trabalho desenvolvido à escala anual (Plano Anual), bem como as unidades de matéria do processo pedagógico (Unidades Didáticas), que servem de base para a preparação das várias aulas de Educação Física desenvolvidos a partir de Planos de Aula.

1.1.1. Planeamento Anual

Uma das primeiras tarefas que realizei no estágio foi a elaboração do plano anual. Sendo assim, constitui-se como o primeiro passo de preparação do ensino em que se propõem e desenvolvem condições de aplicação dos Programas Nacionais de Educação Física e do desenvolvimento da disciplina. Tal como afirma Clark (1983), *cit in Piéron (1999)*, definiu a planificação como “*um processo psicológico fundamental no qual cada um visualiza o futuro, faz o inventário dos fins e meios e constrói um quadro para guiar a sua acção futura*”.

Esta Planificação surge na tentativa de criar um documento que englobe todo um conjunto de informações importantes, que permitam o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, o professor tem em sua posse um documento que lhe serve de guia orientador, procurando facilitar a sua atividade, uma vez que, apresenta uma estrutura que integra todos os aspectos fundamentais para o efeito.

Um dos principais objetivos deste documento é o estudo dos Programas Nacionais de Educação Física para relevar condições de realização e articulação vertical do currículo bem como o estudo detalhado das decisões metodológicas e conceptuais do Grupo de Educação Física.

No início do estágio a primeira tarefa foi a análise crítica ao Programa Nacional de Educação Física. Nesta tarefa tive algumas dificuldades na perceção do que era pedido. O orientador Marco e o supervisor Dr. Amândio sempre me alertaram e chamaram a atenção para o poder crítico e reflexivo. Não estava habituado a refletir ou analisar criticamente documentos, e portanto tive alguma dificuldade, que foi ultrapassada a partir de uma explicação por parte do orientador Marco. No decorrer das aulas o meu poder reflexivo foi melhorando, devido à análise crítica após-aula. Posteriormente a essa análise crítica aos programas elaborou-se a caracterização e contextualização das características do meio envolvente, da Escola e da Turma, de modo conhecer os hábitos e costumes de cada aluno, facilitando a interacção entre professor e aluno. Este trabalho que engloba um estudo das condições essenciais de realização da Educação Física (infra-estruturas e recursos materiais) foi realizado pelo grupo de estágio mas, mesmo assim, envolveu muito tempo. Com a caracterização do meio escolar e contextualização histórica do meio envolvente foi-me possível compreender, em que realidade estava inserida a escola. Ajudou-me a

perceber, que tipos de recursos me eram disponibilizados, com o intuito de desenvolver a minha prática docente de uma forma coerente e de acordo com a realidade vivenciada. Para a realização da caracterização da turma foi elaborado um questionário que visou conhecer os alunos (hábitos, costumes, preferências, informações familiares) e o seu dia-a-dia. Com a análise dos questionários e a sua resultante, tive a oportunidade de conhecer melhor cada um dos alunos, permitindo-me adequar o processo ensino-aprendizagem à turma, indo à procura das expectativas de cada um.

A escolha das matérias teve como pressuposto dar continuidade a algumas já lecionadas no ano anterior, na perspectiva de se poder concluir um nível de ensino e reforçar conteúdos, mas também dar a oportunidade de lecionar outras constituintes da organização curricular definida pelo grupo de Educação Física. No entanto, o nosso orientador seleccionou seis matérias e deixou a nosso cargo a oportunidade de escolha de pelo menos duas matérias, em que tivéssemos “menos” conhecimento, para nos obrigar a pesquisar as formas de a lecionar, enriquecendo o nosso currículo, beneficiando igualmente as aprendizagens dos alunos.

Outro ponto-chave na construção do plano anual foi a calendarização do ano letivo. Assim, houve uma atenção especial à carga horária anual para, posteriormente, se proceder à distribuição das matérias a leccionar pelos diferentes períodos letivos. Posto isto, procedeu-se à calendarização das várias matérias pelo espaço e material necessário para a sua leccionação, numa sequência harmoniosa, tendo em conta as dificuldades dos alunos, observadas no início de cada matéria (Avaliação Diagnóstica), já que esta avaliação foi realizada no início do ano em todas as matérias. Outra questão pertinente que se teve em atenção foram as condições climatéricas, de modo a seleccionar o melhor momento para a leccionação.

O processo de planeamento exige uma grande concentração por parte do professor para poder conjugar todas as situações (roulement, condições climatéricas, preferências dos alunos, condições materiais, espaciais, humanas, características do meio e da escola, tempo das Unidades Didácticas, entre outras) susceptíveis de ocorrerem ao longo do ano para poder responder da melhor maneira a acontecimentos inesperados. Na escola existe um planeamento que consiste na rotação de espaços entre o espaço polidesportivo exterior na escola e o Pavilhão

Gimnodesportivo, junto a esta. Esta rotação acontece de quinze em quinze dias, e a calendarização das matérias teve em consideração este aspecto importante.

A calendarização das matérias pelos números de aulas disponível foi uma tarefa muito complexa. A maior dificuldade encontrada neste planeamento foi saber a ordem das matérias. Mais tarde, por minha própria consciência percebi que não fazia sentido realizar a matéria de Atletismo no final do ano letivo. Porquê? Na minha ignorância, deveria ter consultado o plano de atividades anual e verificar as provas que se iriam realizar neste âmbito para que os alunos da turma tivessem melhor preparados. Não faz sentido abordar corrida de barreiras, salto em comprimento quando as provas de Mega Sprint e Mega-Salto já se realizaram no final do 1º período. Na próxima planificação vão ser aspectos que vou ter em consideração.

O grupo de estágio optou por realizar as avaliações diagnósticas, todas, no início do ano letivo, de forma a poder saber antecipadamente o nível de ensino dos alunos nas várias matérias propostas para o ano letivo. Esta decisão tem como objetivo definir e sustentar as decisões, com estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos, de forma a evoluírem as suas capacidades motoras e cognitivas. A realização dos testes de condição física nas primeiras aulas do ano foram ao cargo do professor Marco, para que tivéssemos tempo para elaborar os quadros de extensão e sequencialização dos conteúdos das primeiras matérias a leccionar, uma vez que no início do ano, a elaboração de um plano de aula demorava horas! Mais à frente será dada uma explicação sobre esta situação.

Em relação à aprendizagem, esta foi distribuída, pois permite uma menor saturação dos alunos e com isso um maior índice em termos motivacionais, como também considero importante rever e aperfeiçoar conteúdos, em períodos mais curtos. Desta forma julgamos que a prática distribuída é benéfica por ser mais motivante para os alunos, a possibilidade de haver “transferes” entre as diferentes matérias, de facilitar na organização das matérias a abordar a partir do “roulement”, uma vez que os espaços não são homogéneos.

Todo este processo levou sempre em linha de conta diversos documentos oficiais que norteiam todo e qualquer processo ensino-aprendizagem, e são eles o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo, Plano Anual de Educação Física da escola para o 3º ciclo, o “roulement” e o Regulamento Interno da Escola.

1.1.2. Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas constituem unidades integrais de todo o processo pedagógico que abrangem pretensões de ensino, partindo da fidelidade às orientações do Plano Anual e, são tematicamente delimitadas por um conjunto de aulas que, fundamentalmente contribuem para a consecução dos objetivos delineados.

Como refere Jorge Olímpio Bento, 2003 *“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.”*

Assim, numa primeira fase, realizou-se em grupo um conjunto de tarefas que eram ambíguas entre o Núcleo de Estágio sob a coordenação do orientador. Posteriormente, cada professor estagiário procedeu ao reajuste dos conteúdos e a adaptações necessárias, em relação ao diagnosticado nas turmas, considerando as características de desenvolvimento psicomotor e cognitivo dos alunos, ao nível da aptidão física (capacidades condicionais e coordenativas) tornando possível a adequação das situações de aprendizagem. Só assim é exequível, adequar o currículo formal à realidade em que estamos envolvidos, de forma a desenvolver favoravelmente os alunos, de acordo com as capacidades e competências de cada um. Era errado, realizar por exemplo um quadro de extensão de conteúdos igual para turmas diferentes, já que os alunos não são os mesmos, logo as capacidades não são iguais.

Após a elaboração da avaliação diagnóstica através de uma grelha de observação, está na hora de realizar uma análise crítica das prestações dos alunos. A partir desta avaliação era possível conhecer o nível da turma e assim estabelecer objetivos finais para aquela unidade. Se a prestação dos alunos for muito heterogénea existe a necessidade de formar grupos de nível, que normalmente aconteciam nas matérias coletivas (Basquetebol, Râguebi, Andebol). Aqui surge uma das maiores dificuldades na elaboração deste suporte tão útil ao professor. A estabilização de objetivos por grupos de nível e objetivos mínimos foi das minhas maiores dificuldades. Mais dificuldades esta situação me criou do que pensar, desenvolver, pesquisar tarefas para irem ao encontro das dificuldades e

capacidades dos alunos. Esta dificuldade surge pela falta de discernimento e falta de experiência, visto que, não tinha a noção se os objetivos podiam ser atingidos. Na primeira unidade, tive imensas dificuldades, na segunda também mas a partir daí, com a familiarização de processos, consegui ultrapassar essa dificuldade. O professor Marco teve um papel preponderante nesta situação, visto que, auxiliou-me no início do ano na elaboração das primeiras unidades, quando eu na minha humildade não sabia como realizar, ele fez-me questionar nunca me dando a resposta direta.

Após esta estabilização de objetivos, o professor Marco pediu-me que realizasse antes de começar a lecionar aulas daquela matéria a elaboração do quadro de extensão e sequencialização dos conteúdos para que a nossa intervenção não fosse aleatória nem descontrolada. Não tive grandes dificuldades na construção deste quadro. Na minha formação académica foi usual a construção deste tipo de ferramentas, por isso estava familiarizado com esta tarefa. Aquando a sua realização, abateram-se sempre sobre mim imensas dúvidas sobre se todas as opções que estava a tomar se eram mas mais correctas e ajustadas para a minha turma, no entanto tinha sempre a segurança, de que este documento apesar de ser regulador de todo o processo Ensino-Aprendizagem para cada unidade didáctica individualizada, não é um documento rígido que me impeça de produzir mudanças nos seus conteúdos e nas decisões e orientações de condução de aulas, nem de qualquer outra espécie. Este documento tornou-se ainda mais útil pois continha todas as informações necessárias, o que me permitia antes da construção de qualquer plano de aula uma consulta deste mesmo documento, de forma a existir uma congruência de informações entre as unidades didácticas projectadas e realizadas e os planos de aula.

1.1.3. Planos de Aula

Os Planos de Aula são os documentos a que o professor dispensa mais tempo e atenção sendo estes, na minha opinião, os que mais podem contribuir para o sucesso no processo ensino-aprendizagem. Este processo de elaboração dos planos de aula foi uma tarefa, que apesar de ser exclusiva a cada turma, a realidade é que isso não se revelou acontecer na totalidade, uma vez que as constantes conversas entre os professores estagiários acerca das aulas que iam sendo dadas,

através da observação de aulas dos colegas, os planos de aula tinham muito em comum.

A preocupação em realizar aulas organizadas, objetivas, com exercícios motivadores e susceptível de uma aprendizagem eficiente, exercícios de fácil e rápida compreensão, tendo sempre em conta as habilidades e conhecimentos dos alunos, fez com que dedicasse uma grande parte do meu tempo na sua construção cuidada e oportuna.

No início do ano, prolongou-se uma dificuldade na realização dos planos de aula que era a identificação correta dos objetivos específicos de cada atividade. O orientador Marco evidenciava e ajudou-me na compreensão deste aspecto, que passou por ser retificado plano após plano.

No início do ano a minha tendência para a realização dos planos de aula era produzir e seleccionar exercícios muito analíticos para a aula. Logo nas primeiras semanas, nas reflexões que tínhamos no fim das aulas percebi que o professor era a favor do contexto do jogo. O professor é apologista da metodologia do “*Teaching Games for Understanding*”, onde as habilidades não são executadas de forma isolada (de forma analítica), mas sim em uma forma de pensar o jogo como um contexto de tomada de decisão e reflexão. A minha principal preocupação está na atividade do jogo e no processo de aprendizagem do aluno, as técnicas surgem a partir do jogo, no exercício de realizar a habilidade de forma eficiente, no contexto adequado durante o jogo. Sendo assim, as minhas aulas estruturar-se em jogos reduzidos, é claro nos Jogos Desportivos Coletivos, envolvendo um contexto complexo que possibilita uma variada experiência motora, exige a aplicação de diferentes técnicas e a estruturação de táticas para solucionar as dificuldades que o jogo proporciona.

Este tipo de metodologia envolve muito mais de mim enquanto professor, já que, é preciso que o professor realize intervenções constantes durante a aula, de forma a possibilitar uma reflexão dos alunos. Durante essa reflexão, os alunos devem falar sobre sua atuação durante o jogo, a integração com os companheiros da equipa, a relação com os adversários, a forma com que eles solucionaram as situações-problema que o jogo proporcionou. Estas situações resultaram da capacidade que tinha em parar a aula num grupo em execução de jogo, num momento pertinente, e através de uma demonstração e de uma instrução eficaz a

qualidade do jogo ia aumentando gradualmente. Mais do que jogar os meus alunos tinham de perceber o porquê de realizar aquela ação.

Importa referir a sistemática das reflexões aprofundadas da aula em que foram identificados e analisados os factores determinantes do sucesso ou insucesso da atividade da aula, em colaboração frequente com o professor Marco e periodicamente com os colegas de Estágio.

Seguidamente realizava-se uma análise crítica, escrita, sobre a reflexão dos resultados obtidos pelos alunos, sobre estratégias de melhoria da competência pedagógica, sempre que necessário. No início do ano tinha alguma dificuldade na reflexão das minhas aulas mas no decorrer do ano foi sendo melhorado, com a ajuda do professor Marco na leitura dessas reflexões, fornecendo-me conselhos e dicas oportunos.

Uma orientação dada pelo professor e que constitui uma das aprendizagens realizadas por mim ao longo deste ano letivo, foi a construção das aulas de quarenta e cinco e noventa minutos, em que nos deu a entender que, estas aulas têm poucos exercícios de forma a não ter muitos tempos de transição e assim podermos rentabilizar o tempo de empenhamento motor, criando também poucos exercícios diferenciados para uma mesma unidade didáctica, e tentando sempre que possível não introduzir exercícios, pois qualquer coisa que seja nova, necessita de um tempo de apreensão por parte dos alunos, o que poderá ser prejudicial ao normal desenrolar da aula. O professor Marco referiu que preparar a aula não é só realizar o plano de aula e realizar grupos ou equipas. Os exercícios utilizados devem estar preparados para pequenas alterações e decisões de ajustamento que possam ocorrer durante a aula, não alterando dessa forma a sua estrutura inicial, nem o objetivo definido inicialmente para o mesmo. Algumas desses ajustamentos prenderam-se com a alteração da duração dos exercícios, alteração do número de jogadores por equipa, alteração do espaço das atividades, entre outros. Esta foi das dificuldades que duraram mais tempo na realização do estágio. Uma tarefa que realizava sempre na véspera da aula era o planeamento das equipas, e levar no bolso uma “cábula” com a constituição das equipas. Mas, se por acaso, um aluno ou dois falta-se já não sabia reorganizar a turma de forma eficaz para que, os objetivos dos exercícios fossem cumpridos. Falarei deste assunto, mais há frente no capítulo da Realização, na parte da organização.

Ainda relativamente aos planos de aula, como referido anteriormente no ponto, os estilos de ensino mais utilizados foram o ensino por comando e por tarefa e nos Jogos Desportivos Coletivos a descoberta guiada nas situações de jogo reduzido e superioridade numérica. O ensino por comando foi utilizado diversas vezes durante o aquecimento, alongamentos e exercícios técnicos como forma de promover uma resposta imediata caso do Judo, uma uniformidade, um ritmo de trabalho imposto por mim e o controlo direto da turma, dominando os comportamentos. Apesar de ser um estilo onde os alunos não têm poder de decisão e que, na minha opinião, não tão eficiente como os que permitem aos alunos tomar decisões, penso que foi utilizado corretamente devido às características da turma (pouco concentrados, alguns alunos com comportamento inapropriados), permitindo-me alcançar os objetivos propostos para as tarefas desenvolvidas. A descoberta guiada juntamente com o ensino por tarefa foram os estilos predominantes nas situações de vantagem/desvantagem numérica e na situação de jogo nos Jogos Desportivos Coletivos devido às suas características. Aqui, a estratégia utilizada passou por promover um processo de descoberta para os alunos, expondo-os à tarefa e questionando-os acerca do que realmente importa para a consecução dos objetivos propostos. Penso que o facto dos alunos nestas matérias poderem experienciar as diversas situações, sendo estimulados a refletir acerca das suas ações, percebendo o que fizeram de errado e como o podem corrigir numa próxima vez foi bastante importante, pois aprenderam a analisar o jogo e a decidir mais rápido e de forma mais adequada.

1.2. Realização

Após um trabalho imprescindível e trabalhoso que implica a planificação, importa descrever o desafio mais gratificante de um professor que é claramente a condução e a realização do processo de ensino, o que começa a regular a validade e a eficiência da prática pedagógica.

“O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitiva.”

(Siedentop, 1998)

1.2.1. **Intervenção Pedagógica**

A intervenção pedagógica é um dos pontos mais importantes do meu desempenho enquanto professor. As reflexões das aulas, as críticas construtivas e os feedbacks entre os estagiários e do orientador são, sem dúvida, um importante contributo para a melhoria das nossas aulas e um factor determinante do nosso sucesso.

A qualidade da intervenção pedagógica assume-se como uma das características fundamentais intrínsecas à função docente, para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz.

De acordo com Pierón (1985), *“No ensino das atividades físicas, quatro elementos parecem desempenhar um papel essencial na consecução da maioria dos objetivos: o tempo que o aluno passa em atividade motora; o ambiente no qual ele participa na atividade da aula; as reacções do professor às suas prestações (motoras, comportamentais, etc...); e a organização do trabalho”*.

Desta forma, abordarei a realização pedagógica em torno destes quatro elementos: instrução, gestão de tempo, clima/disciplina e decisões de ajustamento.

1.2.1.1. Instrução / Feedback

O processo de comunicação verbal permite transmitir o objetivo e a forma de concretização das tarefas pretendidas, determinante para o êxito das mesmas. A instrução é definida por Piéron (1999) como as “*intervenções referentes à matéria ensinada, à forma de realizar um exercício*”.

Assim, no que diz respeito à informação inicial, a estratégia utilizada e cumprida ao longo do ano letivo para contextualizar as aulas, passou por colocar os critérios à disposição dos alunos com a preocupação de indicar economicamente o objetivo principal, os conteúdos e as regras essenciais. As intervenções eram realizadas através de instruções sucintas, precisas, diretas e numa linguagem acessível para os alunos, sem nunca descuidar os termos técnicos.

Tive o cuidado de procurar integrar a aula presente com a anterior, realizando a integração da matéria, reforçando os critérios de êxito.

Assim, procurei desenvolver algumas destrezas técnicas de ensino:

- ✓ Comunicar informação sem consumir tempo de aula;
- ✓ Planeamento cuidado da demonstração utilizando alunos como agentes de ensino;
- ✓ Recorrer ao feedback pedagógico e acompanhar a prática fechando ciclos de feedback;
- ✓ Utilizar o feedback pedagógico positivo;

Ao longo do ano letivo, a maioria das nossas reflexões foram dirigidas à realização, nem tanto ao plano de aula, tanto nas reuniões com o professor orientador e supervisor, como nas reflexões individuais acerca do nosso desempenho. Mais uma vez, chega a altura de refletir e justificar determinadas opções tomadas.

No que respeita à instrução, todas as escolhas efetuadas emergiram da necessidade de rentabilizar o tempo de aula disponível, aumentando o tempo potencial de aprendizagem. A informação inicial foi sempre fornecida de forma objetiva e célebre, já dentro do espaço de aula. Penso que neste aspecto ainda tenho muito para evoluir, já que, por vezes sinto algumas dificuldades na perceção do que é mais importante transmitir onde, em alguns momentos, acaba por ser algo supérfluo.

Tenho intenção de dar tantas informações, que acabo por não fazer a seleção correta do conteúdo que devo abordar. Acredito, no entanto, que esta capacidade tem vindo a melhorar significativamente, ainda que considere que a minha evolução a este nível apenas agora começou. Também tenho alguma dificuldade de expressão. Não é que me expresse de forma errada, mas tenho mais facilidade em escrever do que em falar. É um processo que tem vindo a melhorar de ano para ano. Com estágio a minha capacidade de intervenção melhorou muito. Talvez fosse o maior medo neste estágio, já que peço muito na capacidade de expressão. “*Vale mais dizer coisas certas com as palavras erradas, do que coisas erradas com as palavras certas*” Manuel Sérgio (2013). É certo que o professor deve ser um *expert* em termos de capacidade de expressão, mas se não apresentar conhecimentos e estratégias de ensino eficazes, dificilmente se apresenta como um bom professor. Manuel Sérgio, professor catedrático da Faculdade da Motricidade Humana referia aquela expressão e eu traduzo-a para o meu dia-a-dia, mas sempre no intuito de desenvolver as minhas capacidades.

Ao longo do tempo procurei estudar as componentes críticas e erros mais comuns, a fim de estar mais apto para a identificação do erro. Nem sempre fui capaz de verificar estas situações em que o professor Marco teve, outra vez, um papel preponderante na minha ação. O papel de estagiário nesta situação é muito complicado. O poder reflexivo deverá vir ao de cima, ou seja, um aluno está a realizar uma ação motora mas não consegue executar da melhor maneira e não percebia até que ponto o aluno não conseguia atingir o seu fim por não conseguir por em prática o que era certo, ou por não conseguir auto-avaliar o seu desempenho motor. Este tipo de situações aconteceu nas matérias em que o domínio dos conteúdos era mais fraco, ou nas primeiras aulas de cada Unidade Didática. No caso da Ginástica Acrobática, o professor Marco ajudou-me imenso. Neste caso, só a experiência no campo ajuda a ser conhecedor dos pormenores que podem ser imensos e variadíssimos.

Quanto aos feedbacks, sempre considerei importante questionar os alunos, uma vez que, acredito que é a melhor forma de os envolver no processo de ensino-aprendizagem. Posso afirmar que, embora tenha tentado fornecer os feedbacks mais adequados, tenho plena noção de que ainda despendo algum tempo a definir o que é de facto o erro fundamental a ser corrigido e, desta forma, em alguns momentos o erro que corrijo pode não ser aquele que está de facto a impossibilitar a

evolução do aluno. Ou seja, por vezes, tenho dificuldades em corrigir aquele que de facto é erro central no qual assentam todos os outros. O facto de dominar menos umas matérias que outras também teve influência nas intervenções. Mas, ao longo dos períodos pude libertar-me mais dessa dimensão, mantendo a turma controlada, para questionar mais os alunos acerca dos conteúdos lecionados. Ao nível do feedback, tenho a consciência de que talvez não tenha atingido um patamar elevado de desempenho nesta área, até porque estou plenamente convicto de que isso só se consegue com experiência. Porém, tenho plena consciência da minha evolução e já consigo emitir variados tipos de feedback, com muita frequência, com conteúdo e com o respetivo fecho dos mesmos. Neste campo a minha progressão foi enorme, ultrapassando todos os meus receios.

Para finalizar o capítulo da instrução optei, por não realizar a chamada, contabilizando os alunos e verificando se os mesmos cumpriam com as regras da disciplina, registando as informações no final da aula. Isto permitiu-me perder muito menos tempo no início da aula.

1.2.1.2. Organização / Gestão

De acordo com Pierón (1996) “*o empenhamento motor do aluno nas tarefas que lhe são propostas representa uma condição essencial para facilitar as aprendizagens*”. Esta dimensão de Gestão pressupõe o desenvolvimento da capacidade e cuidado na organização da aula e suas transições, na gestão do tempo, que compreendem um domínio de um conjunto de técnicas de intervenção pedagógica. O tempo de aula nunca corresponde ao tempo em que os alunos estão efectivamente em atividade motora. Como tal, compete ao professor rentabilizar ao máximo o tempo de aula de que dispõe.

Sendo assim, procurei rentabilizar a aula segundo algumas rotinas:

- ✓ Promoção da rotina de pontualidade dos alunos chegando cedo ao local da aula para os receber e para iniciar a aula no horário previsto;
- ✓ Diminuição dos tempos entre as transições da tarefa organizando antecipadamente os recursos materiais;
- ✓ Utilização da auto-contagem para verificar as presenças;

- ✓ Formações de grupos, de acordo com os objetivos da aula, adaptando e controlando de forma plena os imprevistos que nem sempre eram eficazes;
- ✓ Controlar mais do que uma atividade ao mesmo tempo em espaços razoavelmente afastados (feedback cruzado)

Relativamente à estrutura das aulas, o professor Marco forneceu algumas dicas e conselhos na tipologia e quantidade de exercícios para as aulas de quarente e cinco e noventa minutos, com o objetivo de facilitar a elaboração do plano de aula e a gestão do seu tempo. Na parte inicial, relativamente aos Jogos Desportivos Coletivos, sempre que possível foram executadas tarefas mais lúdicas e dirigidas à matéria e conteúdos lecionados, motivando os alunos para a prática. No Atletismo privilegiei a técnica de corrida como aquecimento devido às enormes dificuldades dos alunos. Na Ginástica Acrobática e Judo fui variando entre jogos lúdicos (apanhada em diferentes formas) e exercícios comandados por mim. Ainda nesta fase da aula foram também realizados os alongamentos, optando por vezes por utilizar um aluno para os orientar enquanto eu distribuía coletes ou reposicionava algum material, por forma a poupar tempo de organização, mas sempre controlando a tarefa, ou então orientava-os eu próprio. Quanto ao Atletismo, também a primeira fase da parte fundamental da aula era dirigida a exercícios mais técnicos, em circuito, vaga ou pequenos jogos, introduzindo ao longo da aula a forma de prova (individual ou de grupo). Nem sempre recorria a jogos lúdicos, uma vez que, nas aulas de quarenta e cinco minutos onde o tempo de aula é reduzido, o aquecimento visava já conteúdos da aula. Caso da matéria de Basquetebol, Andebol, Râguebi onde a tarefa de aquecimento era normalmente o “Jogo dos 10 passes”, que possuía variantes, já que visava desenvolver alguns objetivos e conteúdos principais da aula.

A parte final da aula foi dedicada à arrumação do material e verificação da aquisição de conteúdos. Muitas vezes optei por não realizar qualquer retorno à calma, uma vez que, a intensidade da aula era elevada, aproveitando o tempo para aumentar o tempo potencial de aprendizagem.

As aulas decorreram de forma muito positiva relativamente àquilo que tinha programado, pois consegui cumprir bastante bem os tempos destinados a cada exercício, não tendo de proceder a alterações. Tinha a preocupação no planeamento

da aula em que a utilização do material disponível fosse de encontro a transições céleres e rápidas de exercícios, tendo de modificar o mínimo possível as condições de aula. Sempre que fosse necessário para a organização e a estabilização das equipas ou grupos, chamava um aluno que não realizava aula para poder intervir, caso ele aceitasse.

Outro ponto, de um planeamento realizado foi a formação antecipada de grupos de trabalho, adoptando diferentes estratégias. Procurei por vezes distribuir os focos de perturbação pelos vários grupos, para que estivessem mais controlados junto de alunos mais concentrados e empenhados, outras vezes procurou-se juntar os alunos passíveis de serem focos de perturbação no mesmo grupo, dando mais liberdade aos restantes grupos e estando eu mais em cima desse grupo. O facto de levar para a aula as equipas já constituídas e distribuir os coletes à medida que os alunos iam chegando ao espaço de aula ou durante os alongamentos orientados por algum aluno, possibilitou a redução do tempo de organização.

Algumas estratégias adotadas para aumentar o tempo de atividade dos alunos foram: formar equipas/grupos antes da aula, não alterar constantemente o número de elementos de uma equipa consoante as tarefas a apresentar (formar equipas para a aula toda), transições planeadas e fluentes, pouco tempo de instrução, de forma sucinta e clara, planear o ajustamento da organização dos alunos, caso alunos faltem às aulas para que os objetivos das tarefas sejam idênticos, optar por exercícios com estrutura semelhante e que se possa jogar com as variantes (principalmente nos Jogos Desportivos Coletivos), planear tempos de paragem na aula, por exemplo para beber água, jogar com as cores dos coletes na formação de grupos, de forma a que os possa modificar ao longo da aula utilizando apenas as referidas cores, explicar exercícios durante períodos como o aquecimento e os alongamentos, poucos alunos por grupo para aumentar o tempo de exercitação e a utilização de jogos reduzidos, estações ou percursos técnicos.

Uma das dificuldades surge neste momento, quando faltava algum aluno tinha algumas dificuldades nos ajustamentos para que os objetivos da tarefa fossem concretizados. No último ponto, vou refletir sobre as minhas ações nesse âmbito.

1.2.1.3. Clima / Disciplina

Acredito que seja a dimensão fulcral e a mais problemática quando a inexperiência de um estagiário se evidencia. É necessário intervir sistemática e eficazmente na acção dos alunos, corrigindo, estimulando e estruturando o seu comportamento. Siedentop (1998) refere e muito bem que *“um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”*.

No que se refere ao capítulo do controlo e da comunicação tentei dirigir a informação para centrar o aluno pela prática da tarefa a produzir. Ainda, tive o cuidado acrescido de manter um posicionamento correto que possibilitasse a visualização de todos os alunos, controlando à distância, sempre que necessário, e circulando para que a presença se fizesse sentir.

Assim, algumas foram as estratégias utilizadas a estes níveis, tais como:

- ✓ Tratar os alunos pela segunda pessoa do singular “ Tu”;
- ✓ Tentar ser o mais pessoal quanto possível no relacionamento com os alunos, envolvendo-os no processo de ensino-aprendizagem;
- ✓ A forma cordial como sempre tratei os meus alunos, elogiando o bom e o mau executante (não comprometendo evolução e o empenhamento de cada um);
- ✓ Motivando os comportamentos apropriados com interações positivas e ignorando sempre que possível os inapropriados, foi primordial para o bom relacionamento estabelecido entre ambas as partes;

Esta dimensão divide-se em dois grupos o controlo e comunicação. No que diz respeito ao controlo, não foi fácil de fazer ao longo de todo o ano letivo, apesar dos focos de perturbação estarem bem identificados desde o início. Procurei sempre através do reforço positivo, chamar à responsabilidade esses alunos problemáticos em termos de comportamento. Porém, à medida que fui progredindo e experimentando diferentes estratégias, pude verificar quais os que tinham mais efeito. Penso que a conversação em particular com alguns alunos me ajudou a perceber o porquê de alguns comportamentos inapropriados e a solucioná-los. Pude também verificar que as mesmas estratégias não funcionaram com todos os alunos,

tendo que por vezes agir de forma adaptada a cada um, mas sempre justo e coerente.

A parte da comunicação com os alunos foi uma parte que fui melhorando ao longo do ano, estando neste momento muito mais desenvolvido nas minhas comunicações feitas aos alunos, conseguindo claramente captar muito mais facilmente a atenção dos alunos, e tendo uma linguagem compreensível para eles, procurando sempre utilizar uma terminologia correta. Tenho também, conseguindo de uma forma mais natural, transmitir a mensagem que pretendo, tendo para isto também melhorado a maturidade de alguns alunos ao longo de todo um ano letivo.

Quanto ao clima da aula, tentei que fosse sempre positivo e motivante, transmitindo entusiasmo e energia aos alunos. Basta ao professor, planejar tarefas aliciantes e motivadoras, onde os objetivos da aula estejam intrínsecos, para o que alunos tenham vontade de as realizar. Para que a aula seja dinâmica, o professor também deverá circular de forma rápida, intervindo com os alunos, transmitir a energia dele para dentro da aula.

1.2.1.4. Decisões de ajustamento

Ao longo do ano letivo o Plano Anual sofreu vários ajustamentos, provenientes de atividades agendadas e das condições climatéricas adversas. Centrando as decisões de ajustamento no desenvolvimento da aula, perante situações imprevistas, procurei desenvolver a capacidade de adaptar e integrar critérios sem desrespeitar os objetivos definidos através de ajustamentos nos grupos, na complexidade das tarefas, mas nem sempre foi possível. Esta foi uma das situações em que tive algumas dificuldades, uma vez que, apesar de ter pensado minuciosamente cada aula, muitas vezes as situações não corriam como previsto, causando constrangimentos difíceis de ultrapassar. No final do ano letivo, esta dificuldade passou a ser mais um desafio para mim. Não vou dizer que está ultrapassada esta dificuldade. É preciso entender determinadas decisões para que os objetivos da tarefa não sejam modificados. Penso que estas situações irão sendo superadas com a experiência e a prática letiva, aprendendo a criar estratégias que permitam reajustamentos corretos, simples e rápidos.

1.3. Avaliação

De Ketele (1981) definiu a avaliação como o ato de examinar o grau de adequação entre um conjunto de critérios, adequados a um objetivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão. A avaliação é hoje entendida como um processo de decisão compreensiva, orientada para a intervenção reguladora (Weiss,1996).

Considero que a avaliação tem uma importância extrema em cada matéria lecionada, pois é um instrumento que reflete o trabalho desenvolvido e empenho do aluno ao longo de cada unidade, matéria ou período.

De salientar, o facto das aulas de avaliação serem aulas “normais”, onde fornecia feedbacks e demonstrações para melhor a prestação dos alunos. Se uma Unidade Didática tem nove/dez aulas não podemos desperdiçar duas aulas para a realização de avaliações, onde o professor é um simples observador.

No início do estágio, o grupo de estagiários começou por realizar uma reflexão sobre os critérios definidos pelo grupo de Educação Física. Posteriormente elaborou, um documento referente à forma como iriam ser avaliados os alunos. Uma vez que, as respetivas turmas eram diferentes foram produzidas por cada estagiário as grelhas de avaliação diagnóstica. Este documento surgiu de acordo com os critérios de avaliação da disciplina de Educação Física, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 2 – Critérios de avaliação do grupo de Educação Física para o 3º ciclo.

DESENVOLVIMENTO/ AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS (65%)	DESENVOLVIMENTO/ AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS (35%)	
Domínio das habilidades motoras abordadas (25%)	Responsabilidade (10%)	<ul style="list-style-type: none"> ⌋ Pontualidade ⌋ Assiduidade ⌋ Comportamento
Progressão dentro do nível individual (20%)	Cooperação/ Solidariedade (7%)	<ul style="list-style-type: none"> ⌋ Apoio a colegas com dificuldades ⌋ Respeito pelos outros ⌋ Colaboração nas actividades de grupo
Domínio das exigências básicas de higiene, segurança e preservação do material (10%)	Empenho (18%)	<ul style="list-style-type: none"> ⌋ Participação activa e espontânea na actividade da aula e na sua organização
Domínio de conhecimentos relativos à fundamentação teórica das unidades/ testes escritos/ trabalhos (5%)		<ul style="list-style-type: none"> ⌋ Empenho na superação de dificuldades ⌋ Expressão oral e escrita
Aptidão física (5%)		

1.3.1. Avaliação Inicial

A avaliação inicial incide sobre a direcção a seguir no percurso de desenvolvimento dos alunos. Esta poderá servir para a planificação do ensino e para a organização e escolha de grupos, para a definição de objetivos a médio e longo prazo, devendo incidir sobre uma amostra ampla de todos os objetivos. Reforçando a perspectiva de Ribeiro (1989), “*tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens*”.

A avaliação diagnóstica foi realizada no início do ano letivo, nas duas/três primeiras semanas do ano letivo. A escolha desta periodização para a avaliação diagnóstica foi estipulada pelo núcleo de estágio. O documento de registo das observações respeitou não só o Programa Nacional, como as condições da escola e do Grupo Disciplinar como também a especificidade dos meus alunos. Esses documentos, depois de alguma pesquisa e experimentação, foram aperfeiçoados com o objetivo de os tornar práticos, facilitando o registo, rigoroso e fiável. O objetivo principal foi a verificação a nível global da turma antecipadamente de todas as matérias, de modo a que a planificação fosse de encontro às suas necessidades e principais dificuldades. A forma como organizei a avaliação diagnóstica das matérias, em nada teve a ver com a distribuição das unidades didáticas, mas sim de

acordo, com os espaços semelhantes. Por exemplo: Atletismo – corrida de barreiras e Basquetebol.

Após este trabalho de observação, seguiu-se a análise dos dados e a realização de uma reflexão sobre os resultados obtidos. Sempre que a prestação dos alunos na turma era heterogénea, houve a necessidade de realizar grupos de nível, estabelecendo posteriormente, objetivos credíveis de serem concretizados. Nas primeiras unidades didáticas, houve essa dificuldade, de estabelecer objetivos ambiciosos e credíveis, de acordo com as capacidades dos alunos. Essa dificuldade também passou, pela leitura do Programa Nacional. À medida que as Unidades Didáticas iam sendo construídas essa dificuldade foi sendo ultrapassada, sem que o professor Marco me desse feedbacks e conselhos para uma melhor execução.

1.3.2. Avaliação Formativa

A Avaliação Formativa envolve *“processos utilizados pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos.”*, (Bloom, 1971)

Quando o recolher de informações ocorre no decorrer do ano, em que permite a regulação da forma como os alunos estão a desenvolver as suas capacidades que visem as metas definidas, estamos no campo da avaliação formativa.

Este tipo de avaliação permitiu reajustar a planificação das aulas das unidades didáticas, em função da evolução das capacidades e aptidões dos alunos, relativamente aos objetivos que haviam sido estabelecidos.

A concretização prática desta avaliação consistiu na observação directa, de carácter global, procurando indicadores que fornecessem informação suficiente acerca das lacunas e dificuldades de aprendizagem.

Como metodologia utilizada pelo grupo de Estágio e revista pelo orientador Marco, foi realizada uma grelha de observação de fácil utilização, ao nível das competências transversais e específicas, acompanhada das reflexões da aula que indicavam algumas indicações sobre a avaliação formativa. É uma metodologia pertinente, prática e que nos proporciona a informação adequada do desempenho diário dos alunos.

Deste modo, a avaliação formativa, com todo o seu carácter regulador do processo de ensino aprendizagem, permitiu-me elaborar em cada aula uma reflexão

consciente daquele que foi o desempenho dos alunos. No fim de cada aula, era atribuída uma nota numa escala de um a três, a cada aluno, mediante a sua prestação. Assim, na reflexão da aula estava incumbido de referir pormenorizadamente a intervenção de todos os alunos, de forma a revelar a progressão dos alunos ou a estagnação. Este tipo de avaliação formativa realizada sensibilizou-me para a importância de avaliar os alunos ao longo de todo o seu processo ensino-aprendizagem.

1.3.3. Avaliação Sumativa

Como refere o Mestre Paulo Nobre na unidade curricular de Avaliação Pedagógica, “a avaliação sumativa é a valoração de produtos ou processos terminados, ou seja, é um balanço final sobre um todo, que vem confirmar os resultados obtidos na avaliação formativa” (Ribeiro, 1999). Refere que, é sempre aplicada no final de uma etapa de uma unidade de ensino e tem como finalidade decidir se o resultado é positivo ou negativo.

A avaliação sumativa não é mais que a prova final da avaliação formativa, ou seja, surge para comprovar todo o processo regulador de avaliação que foi realizado aula após aula, de uma dada matéria ou para tirar algumas dúvidas sobre alguns alunos, onde a avaliação ainda está indecisa.

Sendo assim, a avaliação sumativa foi realizada com o maior rigor possível, respeitando o nível de cada aluno e a sua evolução tendo em conta o seu nível inicial. Em algumas matérias foi mesmo necessário trabalhar por níveis de ensino para resguardar os alunos de possíveis injustiças no processo avaliativo.

A Avaliação Sumativa teve lugar no final das Unidades Didáticas, geralmente na última aula, sendo constituída por exercícios idênticos aos realizados nas aulas, verificando o nível de prestação dos alunos nos gestos específicos de cada matéria. A avaliação foi, então, realizada através da observação em situação de exercício critério, sendo os resultados registados numa grelha. Esta avaliação terá como principal função quantificar o desempenho do aluno.

Nas aulas de avaliação tentei sempre um esforço para dar a informação de retorno sobre o resultado do aluno, com o intuito de o ajudar a otimizar a execução das tarefas atribuídas. O meu objetivo em todos os momentos de avaliação foi

conseguir avaliar nos alunos a sua melhor prestação, sem nunca me limitar a uma única observação do mesmo ato.

O Grupo de estágio considerou pertinente que a escala de avaliação tivesse transferência direta para a avaliação final dos alunos. Por esse facto, da escala de três níveis utilizada na avaliação diagnóstica, passámos para uma de cinco valores. Em termos práticos, o resultado da avaliação era diretamente proporcional à avaliação do aluno nessa matéria.

Todas as avaliações realizadas foram da minha inteira responsabilidade, cabendo-me a mim concebe-las, realizando posteriormente uma reflexão final e das mesmas, incorporando-o nas Unidades Didáticas.

O grupo de estágio decidiu no início do ano letivo que esta avaliação, como aquela que realizávamos no final de cada período no somatório de todas as matérias lecionadas até ao momento. Posteriormente foram submetidas na grelha de classificação, nos critérios específicos de avaliação do grupo de Educação Física da escola. As avaliações que se faziam por cada ação motora denominavam as avaliações de final de unidade.

1.4. Componente Ético – Profissional

Ao iniciar o estágio pedagógico na escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos algumas foram as competências éticas e profissionais que tive de adotar, sabendo que estas se interligam com a minha intervenção pedagógica. O objetivo é, alcançar um nível de competências elevado, em relação ao meu profissionalismo enquanto professor de Educação Física. *“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor”* (Guia de estágio 2012/2013).

Tendo como grande objetivo, exercer a profissão de docente, naturalmente assumi diariamente uma atitude de grande responsabilidade para manter uma disponibilidade favorável para as várias tarefas associadas à vida escolar e cumprir com os critérios de assiduidade e pontualidade, promovendo-me como referência aos meus alunos. Procurei ser sempre o exemplo chegando a horas a todas as aulas, com bastante antecedência de forma a preparar tudo para a realização da aula, de forma a disponibilizar o maior tempo possível de prática e consequentemente de prática específica das matérias abordadas. Desta forma, tentei sensibilizar os alunos para a importância do cumprimento de horários para a sua vida futura, tanto a nível pessoal como profissional.

Uma das minhas preocupações foi sempre manter a minha disponibilidade e interesse natural para com a minha turma, os meus alunos. De facto, tive o privilégio de cumprir a parceria com a professora Carla Marques (Directora de Turma) que a par do professor Marco foram pessoas extraordinárias comigo, na qual partilhei momentos de conversas informais, particulares sempre na intenção de perceber as necessidades dos alunos e as suas expectativas e ideias.

Enquanto professor de Educação Física, tive algumas matérias às quais tinha mais dificuldades, as quais me fizeram efetuar uma pesquisa de forma a estar o mais preparado possível quando chegasse o tempo da sua abordagem, para assim poder potenciar as minhas qualidades enquanto professor e as minhas fragilidades não fossem tão visíveis, mantendo a credibilidade perante os alunos. O meu grande compromisso com eles era a promoção de processos adaptativos respeitando, sempre que possível, a igualdade de oportunidades.

Por último, o “agir profissional” engloba uma etapa paralela à dimensão intervenção pedagógica que tem que ver com a estruturação do Dossier de Estágio ao qual tive o cuidado de o manter o máximo actualizado.

A disponibilidade demonstrada pela minha parte no apoio à escola e aos alunos foi total. Sempre que possível da minha parte compareci na escola e ajudei na promoção e realização de eventos sempre que solicitado pelos professores da escola. Participei, juntamente com o grupo de Educação Física da escola na organização do Corta Mato Escolar, Mega Sprint e Mega Salto escolar. Acompanhei, posteriormente os melhores da escola, em cada escalão, no Mega Sprint e Mega Salto Distrital no estádio Cidade de Coimbra. Outra atividade que participei ativamente foi o acompanhamento dos escalões de infantis A e B aos encontros de Ténis na escola Dr. Maria Alice Gouveia, em Coimbra. Acompanhei, posteriormente as equipas da escola ao encontro regional do Compal Air. Foi um conjunto de experiências vivenciadas que, de alguma forma, me enriqueceram a nível de organização de atividades e de torneios, sem falar da troca de experiências com professores de outras escolas e a relação próxima com os alunos.

O núcleo de estágio desde a primeira hora se relacionou bastante bem, com professores estagiários todos eles com gostos em comum, o que facilitou bastante a interação e a criação de laços de amizade que certamente irão perdurar para a vida. Estando já todos os professores estagiários a trabalhar, o sentido de responsabilidade em todos nós era bastante elevado, o que limitava o tempo de cooperação, promovendo assim, mais o trabalho em grupo. Este trabalho em grupo foi bastante importante ao longo de todo o ano letivo, com a divisão de tarefas a ser feita, mas nunca dependendo cada tarefa única e exclusivamente a apenas um elemento do núcleo, uma vez que as trocas de opiniões pelos diferentes temas e trabalhos iam sendo dadas e pedidas sempre que fosse pertinente. Todo o núcleo de estágio trabalhou sempre em sintonia, tendo como objetivo fulcral, o sucesso.

Relativamente ao trabalho individual, exigi a mim próprio, responsabilidade, estabelecendo objetivos individuais, de forma a estruturar uma linha de investigação nas matérias e conteúdos pouco desenvolvidos, investigando. Como cada estagiário é responsável por uma turma que é indiscutivelmente diferente das outras, com características específicas, é necessário refletir, estudar e preparar sozinho em muitas ocasiões, face à especificidade da turma que só ele conhece. Assim, este

trabalho foi direccionado exclusivamente para a realidade dos meus alunos, estando sempre preocupado com as suas aprendizagens.

O trabalho de grupo fomenta um conjunto de ações, criando algo mais do que é possível no trabalho individual. Para o trabalho em grupo (Núcleo de Estágio) foi necessário criar entre todos uma relação de consonância, alimentando um clima saudável, de partilha de ideias e de vontades, que contribuísse para a uma coesão e enriquecimento, com o objetivo de otimizar as nossas escolhas pedagógicas. Nem sempre foi possível esta união, já que todos nós tínhamos trabalho fora do estágio. Obrigou-nos a reunir de formas informais, através da internet e mantendo longas conversas telefónicas.

As obrigações meramente burocráticas que este estágio obriga e as obrigações que me propôs no início do ano, muitas das vezes deixavam-me de rastos, sem vontade de pegar no material de estágio. Mas, a vontade de ensinar os mais novos, desenvolvendo as suas capacidades é o que me dá prazer, e nesses momentos menos bons, cerrava os dentes e punha-me ao trabalho.

2. Aprendizagens efetuadas enquanto professor estagiário

As aprendizagens realizadas ao longo deste ano letivo foram inúmeras, mais do que aquelas que eu podia imaginar, por mais que as descreva. Muitas delas estarão recolhidas no meu subconsciente mas que, com toda a certeza, me serão úteis na abordagem das demais experiências no contexto escolar. Sou da opinião de que só a experimentar, errar e experimentar de novo é que se aprende pelo que, considero que o Estágio Pedagógico cumpre na perfeição a sua função, pois pude vivenciar diversas situações e aprender como agir perante as mesmas, experimentando as melhores formas de o fazer.

No que diz respeito, às dinâmicas de Planeamento, ainda que inicialmente se pensasse em recorrer a exercícios lúdicos, percebi a conveniência de produzir uma atividade dirigida para as estruturas que vão ser solicitadas durante a ação principal de forma a centrar o interesse, a disponibilidade e vontade dos alunos para a

prática. Tive a oportunidade de trabalhar com o Programa como nunca tinha tido anteriormente, adaptando as suas referências ao contexto real, adquirindo um conhecimento mais profundo do mesmo.

Relativamente à definição de objetivos específicos aprendi que estes devem ser exequíveis para os diferentes níveis, diferenciadores, reais e desafiadores, proporcionando aos alunos a possibilidade de ultrapassarem as suas dificuldades. Mais, para vencer o desafio da diferenciação imposta por uma heterogeneidade clara de aptidões e interesses na turma, aprendi a organizar previamente os grupos de trabalho e/ou de nível de proficiência para poder investigar e idealizar os objetivos formativos mais adequáveis. Para isso, é necessário um estudo da turma bastante aprofundado e uma avaliação diagnóstica atenta, identificando as principais dificuldades e facilidades de modo a propor atividades adequadas dirigidas aos alunos. A construção das unidades didáticas possibilitou-me um conhecimento muito mais aprofundado sobre as diferentes matérias, através de muito trabalho de pesquisa e análise de conteúdos.

Quanto ao plano de aula, penso que aprendi a ser mais objetivo na construção do mesmo, concebendo o plano com todos os aspetos necessários à condução da aula, permitindo controlar melhor a duração de cada um deles, o tipo de instrução a utilizar e as decisões de ajustamento adotar, bem como o melhoramento do clima e disciplina na aula.

Realçando os aspectos de Intervenção Pedagógica, nas aulas, procurei desenvolver um conjunto de intervenções adequadas e objetivas, permitindo-me estar o mais próximo possível das dificuldades sentidas pelos alunos. Quanto à dimensão – Instrução – identifiquei desde início da lecionação, algumas regras e cuidados a ter nas tarefas. Recorri pertinentemente ao feedback pedagógico direcionando para os aspectos mais relevantes da aprendizagem e acompanhar a prática subsequente ao mesmo, fechando ciclos de feedback, sendo que no início era mais complexo esta tarefa. Tentei sempre que possível fornecer progressivamente o feedback positivo na medida em que percebi o impacto agradável dos efeitos no empenhamento e esforço dos alunos por se sentirem apoiados. Sou uma pessoa muito impulsiva e exalto-me quando vejo coisas mal feitas pelos alunos, porque sei que podem executar de uma forma muito melhor. De vez em quando, enervava-me com eles, dando-lhes alguns avisos mais sérios.

No que diz respeito à Gestão, concluí que a constituição dos grupos/equipas em casa era muito mais prático, diminuindo o tempo de organização. Tentei sempre intercalar os alunos com mais dificuldades com os alunos com uma maior apetência, para que desta forma, as equipas fossem homogéneas e os alunos com menos capacidades não se sentissem à parte. Não só esta tarefa era importante para aumentar o tempo potencial de aprendizagem. As decisões de ajustamento, as transições fluentes e as paragens na aula eram todas planeadas antecipadamente, para proporcionar aos meus alunos menos tempo de “espera” na realização de tarefas.

Em relação às decisões de ajustamento, foram sendo aperfeiçoadas ao longo do ano letivo e pude compreender que, em determinadas situações, se for necessário, podemos fugir ao plano de aula. Tinha alguma dificuldade na organização dos alunos caso, um ou dois alunos faltassem, já que levava de casa antemão tudo planeado para que o objetivo da tarefa se exercitasse. Nem sempre as decisões de ajustamento foram eficazes para que os alunos realizassem os objetivos pretendidos.

Por fim, as aprendizagens realizadas, nos momentos de Avaliação, adquiri competências de observação, de síntese dos dados recolhidos e, conseqüente, transformação em informações capazes de apoiar decisões pedagógicas ao encontro da melhoria da prestação dos alunos. Adquiri de certa forma uma melhor forma de conduzir uma aula de avaliação com a mesma intensidade e fornecimento de feedbacks (como se fosse uma aula dita “normal”).

3. Compromissos com a aprendizagem dos alunos

*“O que sempre me marcou pela negativa foi o fato de a opinião dos alunos não ser relevante”
(Fletcher, 2005)*

Estou perfeitamente convicto na minha curta carreira de docente a experiência (prática) nem sempre é sinónimo de competência. Não basta praticar, é necessário que esta prática seja apropriada, no que concerne à intervenção pedagógica e a

todos os processos inerentes, às condições favoráveis de aprendizagem e de desenvolvimento multilateral da personalidade dos alunos.

Em relação às aprendizagens dos alunos, devo referir que, desde o primeiro dia, os alunos se mostraram dispostos e motivados na abordagem à disciplina de Educação Física. O meu compromisso visava o desenvolvimento das várias competências dos alunos, procurando atingir o máximo das suas capacidades, proporcionando-lhes condições de aprendizagem ótimas para o seu desenvolvimento global. Para isso, todo o trabalho inicial de planeamento teve um papel preponderante, uma vez que, o processo de ensino-aprendizagem foi realizado tendo em consideração as dificuldades e expectativas dos alunos, com o intuito de lhes proporcionar situações de aprendizagem adequadas ao seu nível de desempenho. Realizei todas estas tarefas com a maior responsabilidade, sendo os meus alunos e o seu desempenho, o reflexo de todo o trabalho que desenvolvi.

No início de cada matéria tentava criar tarefas aliciantes e desafiadoras aos alunos no sentido de superarem as suas capacidades, motivando-os para uma melhoria do seu desempenho nas tarefas motoras, conferindo um prazer e gosto pelas atividades desenvolvidas.

Uma das provas desta grande dedicação foi demonstrada logo no início do ano, na unidade didáctica de Ginástica Acrobática. Numa das matérias em que prospectava uma maior dificuldade na minha leccionação foi a que teve resultados mais vistosos, fruto da boa postura apresentada no decorrer das aulas, onde houve uma melhoria significativa na prestação dos alunos, como se pode observar nos resultados da avaliação sumativa, com resultados espectaculares. A mesma coisa se passou, no meio do 2º período na leccionação da unidade didáctica de Danças Tradicionais Portuguesas, onde os alunos foram compreensíveis por mais que não fosse a sua matéria de eleição e apresentaram desempenhos espantosos.

Sabendo da importância da manutenção de um clima agradável, dependendo disso do tipo de feedback fornecido, entre outras coisas, tentei fornecer sempre feedbacks positivos, encorajando os alunos a fazer melhor e elogiando-os. Ciente de que o feedback se constituiu como uma estratégia preponderante na condução do ensino, foram consideradas algumas orientações que admitiam um reflexo positivo para os alunos: utilização do feedback específico e essencialmente positivo em situações pertinentes, emissão repetida de feedback para confirmação da correcção do erro e associação da demonstração à instrução.

Em termos práticos, organizativo-metodológicos procurei perseguir a qualidade da aprendizagem através de uma densidade de estímulos capazes de modificar a estruturação do comportamento com vista ao sucesso das aprendizagens.

Tenho consciência que me esforcei por ser um professor/educador preocupado com o desenvolvimento e evolução dos alunos, em todos os níveis, procurando sempre uma postura correta, objetiva e empenhada. Assim, diria que a minha consciência sai tranquila, no que à responsabilidade com as aprendizagens dos alunos diz respeito.

4. Dificuldades e estratégias de resolução de problemas

No decorrer do estágio muitas foram as dificuldades com as quais me deparei, desde a fase de planificação das aulas no plano anual, até ao momento. Devido à inexperiência relativamente à função docente, foi normal sentir algumas dificuldades nas diversas tarefas a executar.

Primeiramente, em relação ao planeamento penso que, no início do ano tive algumas dificuldades em trabalhar com o Programa Nacional de Educação Física, tendo que inevitavelmente proceder a uma análise mais aprofundada do mesmo e questionar o professor Marco, esclarecendo algumas dúvidas, tentando e conseguindo ultrapassar essas dificuldades. Em relação às matérias do primeiro período, senti algumas dificuldades em estabelecer objetivos específicos enquadrados com o nível dos alunos e de acordo com o Programa Nacional.

Quanto ao plano de aula, as dificuldades encontradas foram a escolha de exercícios que fossem de encontro dos objetivos as aulas. Um exemplo, foi a matéria de Andebol que por ser a primeira a ser lecionada no polidesportivo exterior me criou mais dificuldades. Inicialmente, porque não sabia que tipo de metodologia era mais vantajoso usar. Após a primeira aula, o professor Marco fez-me esclarecer que a melhor maneira de trabalhar/leccionar os Jogos Desportivos Coletivos era o jogo, através de situações de jogo reduzidas e superioridades numéricas. As primeiras aulas eram muito analíticas. À medida que as aulas foram passando,

percebi como teria que organizar as tarefas. Outra das dificuldades foi a Ginástica Acrobática, onde nunca tive nenhuma formação e este ano tive de lecionar. Tive muita dificuldade em observar os alunos e dar-lhes um feedback que os ajudasse na sua execução tendo o professor Marco algumas vezes que intervir. Mais do que saber as componentes críticas, somos obrigados a perceber a dinâmica e tentar arranjar soluções possíveis para que as tarefas sejam exequíveis.

As estratégias de resolução que adotei para resolver os problemas foram, sobretudo, através de reflexões efetuadas no final de cada aula, juntamente com o núcleo de estágio, da experiência do meu orientador, com a transmissão de informação, conselhos estratégicos e observação de aulas ministradas por ele e dos outros professores da do grupo de Educação Física da escola.

Quanto à realização, tarefa mais complexa da prática pedagógica para o professor estagiário, no que respeita à instrução, tinha algumas dificuldades em ser objetivo na explicação dos conteúdos, pois apresento alguma falta de clareza e vocabulário na minha preleção. Ao longo do estágio ciente da minha dificuldade fui fazendo um esforço para melhorar este aspecto através da escolha de apenas três aspetos fulcrais dos conteúdos, alcançando objetividade e clareza.

Nos Jogos Desportivos Coletivos em que a organização da aula era dispersa, aproveitando os recursos que a escola potencia, percebi que sentia dificuldades em fornecer feedbacks em matérias que não dominava os conteúdos, mas também à demasiada informação que pretendida distribuir. Uma das estratégias adotadas foi o estudo mais vigoroso dessas matérias para que pudesse ajudar os alunos na sua execução. Tentei-me novamente focar em três aspetos fulcrais, facilitando o fornecimento de feedbacks.

A verificação do efeito pretendido também não foi algo utilizado desde o início do ano letivo devido à preocupação com outros aspetos e à falta de prática. Todavia, à medida que o ano foi avançando, fui ficando mais solto de outros fatores já aperfeiçoados, permitindo-me mais liberdade para me focar no fecho dos ciclos de feedback, tanto por observação e fornecimento de novo feedback como por questionamento. Foi um dos aspetos que o professor Marco visou até quase ao fim do estágio. Acho que, prende-se muito pelo à vontade e experiência que se têm a lecionar as aulas. No final do estágio este tipo de ações era realizado com normalidade. Por fim, outra dificuldade que depois ultrapassada foi o controlo dos alunos à distância através de feedbacks cruzados. No início, não tinha a capacidade

de levantar a cabeça e fornecer feedbacks à execução ou ao comportamento dos alunos. Estava muito focalizado num grupo de alunos, desprezando-me do resto da turma. Através de uma colocação ajustada, evidenciada pelo professor Marco, este aspecto foi sendo melhorado. Os alunos têm de sentir que o professor está sempre atento às suas execuções e comportamentos para que não haja comportamentos de desvio. Após as aulas através das reflexões do professor e dos colegas estagiários, foi possível melhorar, até que no fim do estágio, conseguia ter o controlo todo da turma sem dificuldade. São aspetos como este que é engraçado modificar, tornando-se desafiadores para nós, desviando as nossas dificuldades.

5. Questões dilemáticas

Ao iniciar o Estágio Pedagógico fui algumas vezes confrontado com este tipo de questões. Com o desenrolar do ano letivo foi evidenciado um conjunto de situações que merecem alguma reflexão.

Uma das primeiras tarefas a realizar prende-se com a necessidade de analisar o Programa Nacional de Educação Física, definindo linhas orientadoras e objetivos a atingir pelos alunos. Existe a necessidade a nível local de adequar às circunstâncias da escola, meio e dos alunos. Há medida que ia analisando o Programa, verifiquei alguma inconsistência entre o nível proposto pelo programa para cada ano de escolaridade e matéria, com o nível real dos alunos. A discrepância existente entre os pressupostos do documento e a realidade dos nossos alunos observa-se ainda mais quando estes não possuem qualquer referência desportiva, nem praticam qualquer atividade desportiva fora do contexto escolar. Só os alunos com alguma cultura desportiva dentro de uma matéria conseguem atingir os objetivos para o seu ano de escolaridade, mas nem sempre conseguem atingir todos.

Outro dilema surgiu quando tive que decidir se, após o encurtamento das aulas de Atletismo devido às condições climáticas, deveria ou não proceder à avaliação do lançamento do peso e da salto em comprimento, uma vez que apenas teria quatro aulas para abordar estes conteúdos. Quando questioneei o meu orientador

sobre o que fazer, ele disse-me que deveria agir de acordo aquilo que achasse mais adequado, advertindo-me que qualquer decisão minha deveria ser justificada na U unidade didáctica da matéria.

O dilema da avaliação ainda é muito disperso, uma vez, que há ideias diferentes perante este conceito. Para alunos e pais, a avaliação e a classificação são da máxima importância. Estes dois conceitos não podem ser empregues com o mesmo significado pois, as classificações muitas vezes servem apenas para rotular os alunos e não para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, que se define sim, como a avaliação. Para o professor não lhe interessa quantificar/classificar a prestação dos alunos, mas sim, arranjar estratégias para concretizar os objetivos anteriormente estabelecidos. A minha satisfação é constatar diferenças entre a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa, onde se prova o desenvolvimento das capacidades dos alunos.

Outro dilema prende-se, por uma das questões mais discutidas relativamente à Educação Física. Num País onde a taxa de obesidade infantil é enorme como podem implementar as aulas de Educação Física para cento e trinta e cinco minutos semanais? Muitos dos alunos só têm a possibilidade de praticar atividade física na escola, e esta carga horária, duas vezes por semana é muito reduzido para exercitar as capacidades dos alunos. Outra questão que perdura neste seguimento é a curta duração da aula de quarenta e cinco minutos, que verdadeiramente se traduz em 30 minutos de tempo útil devido aos cuidados de higiene. É claro que as normas de higiene deverão ser cumpridas de forma rígida, mas o tempo que nos dão para lecionar as nossas aulas semanais, com normas que têm de ser cumpridas, torna-se difícil concretizar os objetivos numa matéria com o máximo de onze/doze aulas. Para existir uma evolução significativa das capacidades motoras (e não só) dos alunos são necessárias bastantes horas de prática que na escola não são, de todo suficientes.

Por fim, a minha última problemática residiu em qual seria a forma mais justa para avaliar a minha aluna com Distrofia Muscular de Cinturas., tendo em conta que esta não podia realizar as aulas práticas, nem deslocar-se para o espaço de aula, por incapacidade física. A solução encontrada foi avaliar a aluna através dos conhecimentos teóricos apresentados sobre as matérias seleccionadas por mim.

6. Conclusões

Após o fim de mais uma etapa de formação na minha vida, vivenciada de forma intensa e sempre na perspectiva de melhorar, refletindo sobre tudo aquilo que ia acontecendo ao meu redor, é importante analisar as mudanças ocorridas em mim, e irei fazê-lo em jeito de conclusão, abordando as diferentes áreas do estágio e da minha vida pessoal e profissional.

7.1. Impacto do estágio pedagógico na minha moldagem pessoal e profissional

“Mais do que em qualquer outra profissão, o primeiro ano de exercício da docência surge como um desafio em que cada nova experiência se assume mais como um teste para avaliar a capacidade de sobrevivência do que como uma fase indispensável ao processo de desenvolvimento profissional”

(Marques da Silva, 1997)

Chegado o final de um percurso tão enriquecedor, árduo e difícil, é com alguma dificuldade que escrevo toda a experiência vivida, na medida em que é impossível traduzir para este relatório tudo o que de tão magnífico se passou ao longo do Estágio Pedagógico. Tenho a perfeita noção que, durante este ano, aprendi muito mais do que aquilo que ensinei!

Relativamente a este ponto, terminada a minha formação inicial, penso que apesar de ter trabalhado bastante e ter realizado aprendizagens extremamente valiosas, o meu percurso não termina no final deste ano de estágio, antevendo um futuro como docente de Educação Física em escolas com características próprias.

Diversos papéis são atribuídos ao docente, definindo-o como o “Super Professor”, obrigando-o a manter-se atualizado e a acompanhar a evolução da

escola e seus alunos. Isto, permite a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento de uma atitude crítica e emancipatória, aludindo a trilhos para o reajustamento da cultura organizacional e profissional.

Assim, dependendo dos cenários que me poderão ser apresentados num futuro próximo, terei de ter a capacidade de estudar e me readaptar não só aos Programas de Educação Física dos graus de ensino que irei leccionar, mas também a todas as características do meio em geral e das turmas em particular que servirão de base ao trabalho a desenvolver. Poderei ter algumas dificuldades numa primeira fase em adaptar as minhas estratégias e planos metodológicos às diferentes realidades encontradas, porém, terei de recorrer a todas as experiencias educativas, para desempenhar as minhas funções, enquanto professor de Educação Física.

As dificuldades que terei de ultrapassar num futuro mais próximo para poder melhorar a minha leccionação passam pela utilização de forma mais pertinente dos feedbacks de qualidade, organização eficaz dos alunos na aula, ajustamento dos alunos para concretizar os objetivos, fechar ciclos de feedbacks para uma fácil compreensão dos conteúdos. Deverá existir uma formação sempre actualizada para que inove em práticas pedagógicas eficazes para manter e conseguir evoluir ao longo da minha formação continua.

Ainda no âmbito do estágio pedagógico e de tudo aquilo que ele me permitiu conhecer e levar comigo, registo como uma das maiores conquistas, a relação de amizade que construi com algum pessoal docente e não docente, não deixando de lado os meus alunos.

Tenho a mínima noção, que este é o primeiro passo da minha longa carreira de docência. Tenho a noção que o papel do orientador nesta fase inicial é crucial na minha formação. Sendo assim, tive a sorte de ter um orientador com vontade enorme de me ajudar na formação enquanto profissional da Educação Física. Posso concluir que este ano foi de extrema importância na minha evolução como docente de Educação Física. Como tenho feito ao longo da minha vida, para todas as adversidades, contrariedades e dificuldades que encontrar, irei procurar a forma de as contornar/ultrapassar!

CAPÍTULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA

1. Introdução do tema/problema

“O professor, para além dos conhecimentos que o caracteriza e que justifica o seu lugar na escola, muitas são as capacidades e as competências exigidas a um profissional de Educação Física.” (Graça, 1991)

O tema/problema surge no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Pedagógico, inserido no segundo semestre do segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este estudo foi realizado na Escola EB 2,3/ Secundária Doutor Daniel de Matos, em Vila nova de Poiares.

O tema escolhido foi a gestão do tempo de aula, no sentido de estabelecer uma relação entre o tempo de empenho motor dos alunos numa aula de Educação Física de noventa minutos e as estratégias utilizadas para que esse tempo corresponda a qualidade de ensino.

A escolha do tema de estudo teve em conta a relevância para a minha formação enquanto futuro professor, mas também o contributo que esta pequena reflexão pode deixar para intervenções futuras. Não tendo sido dos meus maiores dilemas durante o processo de estágio pedagógico, torna-se motivador e interessante conhecer estes aspetos nos professores da escola, tendo em conta a sua experiência e anos de lecionação. É uma forma dos professores melhorarem as suas práticas na lecionação das aulas, para rentabilizar o tempo em que os alunos passam em “espera” e, simultaneamente, contribuir para uma melhoria da qualidade da intervenção.

Este estudo tem uma enorme pertinência, pois permite compreender o tempo despendido nas diversas dimensões em estudo (instrução, condução da aula, organização/transição, atividade motora, espera e controlo), das aulas, para desta

forma perceber como se pode melhorar a intervenção pedagógica, de forma a promover um maior aumento de tempo de empenho motor e, conseqüentemente, um maior sucesso nas aprendizagens dos alunos.

O presente trabalho (Tema/Problema) está dividido em Introdução, enquadramento teórico e pertinência do estudo (onde vão ser abordados os principais conteúdos abordados no Tema/problema, segundo referências bibliográficas consultadas), Problema (objetivos e limitações), Metodologia (caracterização da amostra, desenho experimental, cronograma e técnica utilizada), Apresentação de Resultados, Discussão de Resultados, Conclusões do Estudo.

2. Enquadramento teórico e pertinência do estudo

A gestão da aula representa um elemento primordial na eficácia do ensino das atividades físicas e desportivas.

Os professores eficazes são, primeiro que tudo, gestores eficazes e as habilidades de gestão são pré-requisitos essenciais para um bom ensino, em qualquer sala de aula, ou em qualquer disciplina (Siedentop, 1983).

A gestão da aula chega a ser considerada a chave para aprendizagem (Arends, 1995). Por gestão da aula entende-se o conjunto de comportamentos do professor que controlam o tempo, os espaços, os materiais, as atividades da aula e o comportamento dos alunos (Sarmiento, 1990).

Deste modo, o autor lembra que o objetivo de uma gestão eficaz, nas aulas de Educação Física, é maximizar e otimizar as oportunidades de exercitação, nomeadamente, no que se refere às tarefas diretamente associadas aos objetivos de aprendizagem (Siedentop, 1983; Carreiro da Costa, 1995). Parece ser do senso comum que a maximização da oportunidade de aprendizagem proporcionada aos alunos depende, em grande medida, de uma correcta repartição do tempo de aula, pelas diferentes funções de ensino (Carreiro da Costa, 1995).

Diversos autores têm considerado a importância de certas variáveis temporais para o estudo da qualidade das aulas, como o Tempo Potencial de Aprendizagem em Educação Física (TPA-EF).

Siedentop (1983) chegou a considerar TPA-EF como a variável critério mais importante para determinar a oportunidade de aprendizagem. Assim, quanto maior for o TPA- EF do aluno, maior será a sua aprendizagem.

O sucesso alcançado pelo TPA-EF levou os investigadores a considerarem-no um importante instrumento de medida na investigação do ensino em Educação Física. (Mesquita, 1992).

Graças, principalmente, ao seu sucesso no ensino em geral, o TPA-PE tornou-se numa questão central em todos os estudos em Educação Física, durante toda a década de 80. Embora se tenham constatado correlações positivas entre as variáveis de empenho do aluno e o resultado da sua aprendizagem, esta associação precisa ainda de ser mais estudada, uma vez que poucos estudos do tipo processo-produto indicam que o tempo de empenhamento motor como um preditor fiável do processo dos alunos (Graça 1991).

Segundo Carreiro da Costa (1995), os professores responsáveis pelas classes mais eficazes foram os que obtiveram um tempo de instrução superior.

A falta de organização gera perdas de tempo, tempo esse que pode, e deve, ser aproveitado para a exercitação e, por conseguinte, para a aprendizagem da matéria de ensino (Piéron, 1996).

Um estudo de Carreiro da Costa (1995) vem confirmar a importância da preocupação em tornar mais específicas as oportunidades de aprendizagem, bem como o "feedback" pedagógico, na evolução dos alunos, pelo que devem passar a constituir um princípio geral a respeitar no ensino de qualquer disciplina.

Uma conclusão importante do autor foi o facto de ter constatado que o sucesso pedagógico não é resultado de uma única intervenção mas que depende de um conjunto muito variado de factores e, principalmente, da capacidade do docente em conjugar e articular simultaneamente todos esses factores numa determinada situação, no sentido de maximizar e otimizar as condições de aprendizagem dos alunos (Carreiro da Costa, 1995). Assim, o referido autor verificou que os professores considerados "mais" eficazes dão uma grande relevância à informação sobre os exercícios ou habilidades a realizar, focam constantemente os aspetos críticos de cada elemento de aprendizagem e reforçam a sua instrução com frequentes demonstrações, com o objetivo de clarificar o que é explicado e pedido aos alunos.

Nas suas revisões da literatura, Graça (1991) e Mesquita (1992) fazem referência a uma série de diferentes mas importantes estudos de natureza descritiva, que têm como finalidade analisar e comparar os acontecimentos que ocorrem nas aulas de Educação Física, dos quais destacaram as seguintes conclusões:

- O tempo passado em não movimento é superior ao passado em movimento (Costello & Laubach, 1978; Godbout, Brunelle & Tousignant, 1983);
- Nas atividades de conteúdo de Educação Física, apenas metade do tempo é aproveitado em conteúdo cognitivo e motor (Shute *et al*, 1982);
- Cerca de 19% do tempo observado é gasto em tarefas de organização (Telama, 1992);
- O tempo de espera nas aulas é considerável (Costello & Laubach, 1978; Godbout, Brunelle & Tousignant, 1983; Shute *et al*, 1982; Telama *et al*, 1992; Piéron & Haan, 1981);
- É visível uma grande dispersão de resultados devido à natureza da atividade, à capacidade de organização e de fornecer informação por parte do professor (Costello & Laubach, 1978; Telama *et al*, 1992);
- A percentagem de tempo dedicado a atividades substantivas nos jogos coletivos obteve-se valores superiores a 50% do tempo de aula observado.
- O TPA-EF foi de 36.7% para Godbout, Brunelle & Tousignant (1983) e de 13% para Shute *et al*, 1982)
- A especificidade da matéria tal como as suas formas de organização exercem sobre a oportunidade de participação dos alunos uma influência decisiva. (Piéron, 1982; Piéron & Forceille, 1983). Assim, os valores médios do empenhamento motor foram muito superiores para os jogos de desportos coletivos (51%) relativamente aos encontrados para a ginástica (22.3%) e para o Atletismo (16%) (Piéron & Haan, 1981; Piéron, 1982);
- Tanto na Ginástica como no Voleibol, os alunos de habilidade mais elevada usufruem de mais tempo de empenhamento na tarefa e apresentam melhores taxas de sucesso na execução das tarefas do que os alunos de baixo nível de habilidade (Piéron, 1982; Piéron & Forceille, 1983);

- Os professores com menos experiência de ensino obtêm menos tempo de empenhamento motor, menos tempo de informação e uma maior porção de tempo de carácter organizativo (Piéron & Dohogne, 1980);
- O tempo destinado à aprendizagem do conteúdo de ensino é considerado um fator decisivo nos progressos alcançados pelos alunos (Piéron & Piron, 1981).

Graça (1991) ao realizar um resumo dos estudos correlacionais mais importantes, que têm como objetivo associar as variáveis de processo de ensino e aprendizagem a uma medida de produto de aprendizagem válida, salientou as seguintes conclusões:

- Os professores dos alunos com maior número de execuções despendem menos tempo na apresentação das tarefas, fornecem mais oportunidade de prática e acompanham-na, observando-a e incentivando o aluno (Yerg, 1981; Graham, Soares & Harrington, 1983);
- Os alunos das turmas de maiores progressos registam mais do dobro do tempo de empenhamento motor (Phillips & Carlisle, 1983; Silverman, 1985, 1985);
- O tempo de prática relacionou-se negativamente com o progresso dos alunos, o que poderá indicar que a prática só por si não chega, necessita de ser acompanhada dum informação específica (Yerg & Twardy, 1982; Piéron, 1982);
- Embora dispondo de menos tempo para a prática, o grupo de maior progresso fez um uso mais criterioso desse tempo, obtendo um taxa de resposta mais elevada (Piéron, 1982);
- Os alunos que obtiveram maiores progressos passaram menos tempo à espera (Piéron, 1982; Graham, Soares & Harrington, 1983), mas tiveram mais tempo a receber informação de carácter organizativo (Piéron, 1982);
- Os professores das turmas com maiores progressos passaram menos tempo em tarefas de gestão (Phillips & Carlisle, 1983);

- Parece existir uma especificidade da eficácia, ou seja, os professores não conseguem ganhos de aprendizagem em todas as habilidades que ensinam (Rink *et al*, 1986);

Podemos então concluir que, para que uma aula seja eficaz e proporcione boas oportunidades de aprendizagem aos alunos, quer em termos quantitativos, quer em termos qualitativos, isso exige ao professor domínio, controle e manipulação de um conjunto de factores que concorram para essa eficácia, desde organização da aula e dos alunos na aula, emissão de feedbacks pedagógicos com conteúdo, quantidade de exercitação com qualidade, qualidade na instrução, etc... No fundo, variáveis sobre as quais pretendemos inferir opinião a partir deste pequeno estudo reflexivo.

3. Definição do problema

Para todo o tema a desenvolver, existe uma problemática que se pretende alcançar e no fim, analisar/refletir. Como foi referido anteriormente, existe um interesse da minha parte informar-me sobre o tempo, que os meus colegas do núcleo de Educação Física da escola onde estou a estagiar, dedicam ao empenho motor dos alunos nas suas aulas e o que isso poderá traduzir-se em qualidade de aprendizagem, tendo em conta as estratégias utilizadas para o efeito. Poderá ser uma temática interessante, já que, devido aos resultados a obter, os professores poderão melhorar cada vez mais o seu processo de ensino, modificando estratégias de intervenção, de organização/transição, de condução da aula, que poderão contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na nossa escola. Por esta razão, o problema deste estudo vai ao encontro do que foi descrito anteriormente:

Será que o tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física está relacionado com as dimensões da intervenção pedagógica (Instrução, Gestão, Clima/Disciplina)?

4. Objetivos e limitações do estudo

4.1. Objetivos

O objetivo geral do tema/problema é perceber se o tempo de empenho motor nas aulas de Educação física está relacionado com as Dimensões de Intervenção Pedagógica. Este tema, como foi referenciado anteriormente, é de enorme pertinência, já que pode melhorar o ensino da Educação Física, traduzindo-se num aumento considerável nas aprendizagens dos alunos. O estudo pretende ainda relacionar o tempo útil de aula (tempo este onde os alunos se encontram em empenho motor) e o tempo de “espera” (tempo em que os alunos não passam em atividade motora (tarefa de aprendizagem)), mas também a qualidade das estratégias de intervenção pedagógica que concorrem para este mesmo objetivo.

Para o desenvolvimento do estudo defini os seguintes *objetivos específicos*:

- Verificar se os professores promovem, nas suas aulas, um maior tempo de atividade motora aos alunos do que tempo de “espera”;
- Verificar se as estratégias de intervenção pedagógica são as mais adequadas para criar mais tempo de atividade motora aos alunos com qualidade;
- Registrar os factores que explicam um tempo de “espera” ou de empenho motor mais ou menos elevados;
- Verificar se os professores com mais anos de serviço (experientes) proporcionam mais tempo de empenho motor com qualidade aos seus alunos, do que os professores estagiários;

4.2. Limitações do estudo

Neste ponto em concreto serão reveladas as condicionantes que podem interferir na validade dos dados obtidos. Serão levantadas as limitações inerentes à investigação, para que se perceba as medidas tomadas de forma a minorar os problemas que daí advém.

A primeira grande limitação ao estudo prende-se com a amostra. Ou seja, o objetivo é analisar e discutir o que se faz no grupo de Educação Física desta escola em particular. Por esse facto, isto até poderá ser considerado um estudo de caso, não sendo, obviamente, possível generalizar. Porém, e estando conscientes desta limitação, consideramos que o resultado que obtivermos nos dará uma ideia daquilo que poderá acontecer em muitas outras escolas e em muitos outros grupos de Educação Física.

Por outro lado, a ficha de observação realizada para a observação das aulas não é cientificamente comprovada. A sua estrutura surge da grelha de Pierón (1980) que evidencia as quatro dimensões e estratégias para que se evidencie um professor eficaz. Ou seja, esta grelha foi criada por mim, com um intuito de apresentar aspetos e ações que considerava relevantes observar nos professores, para que fosse à procura do produto final evidenciado anteriormente. No entanto, depois de realizar as observações aos professores considero que existem algumas ações e aspetos que não são relevantes para o estudo, provocando uma grelha demasiado extensa. Não interessa saber na dimensão de Clima/ Disciplina se o professor é credível quando comunica, se é audível, se comunica através de uma abordagem positiva. Estas ações não justificam porque é que o professor fornece mais ou menos tempo de atividade motora aos alunos.

Relativamente ao feedback, outra das limitações do estudo é saber a qualidade do ensino e como este é realizado. Quem sou eu para realçar aspetos sobre as aulas dadas dos meus colegas de Educação Física. Se as estratégias adotadas são boas ou se são más. É importante que os colegas de Educação Física, nas reuniões de grupo, estabeleçam estratégias a adotar para a escola, sempre com vista à melhoria da qualidade do ensino, que obviamente se traduz numa aprendizagem eclética. Em todo o caso, não poderemos fugir a uma análise, mesmo que superficial, à qualidade desse feedback, porque senão vejamos: um professor que

chega à aula, dá uma bola aos alunos e senta-se a ler o jornal, regista um tempo de empenhamento motor da turma elevadíssimo, mas a qualidade das aprendizagens é provavelmente pobre. Por esse facto é que não poderemos fugir a uma caracterização, mesmo que superficial, à qualidade da intervenção do professor.

Outro fator que pode limitar ou condicionar o estudo é o facto de as matérias não serem idênticas entre as aulas observadas dos professores. Talvez para um estudo mais válido, delimitar as observações a uma matéria ou duas idênticas, fosse mais aconselhável. Mesmo assim, procurei realizar sempre observações numa aula de noventa minutos e de desportos coletivos onde os alunos, normalmente, têm mais tempo de atividade motora.

Para que o estudo ficasse mais credível era determinante observar mais aulas a cada professor. Duas aulas observadas são pouco para estabelecer resultados credíveis. Porém, tendo em conta que este poderá ser considerado um estudo de caso e o facto de assumir que poderia ter iniciado a parte experimental mais cedo, duas aulas a cada professor considerámos ser o mínimo indispensável para a realização desta pequena reflexão pedagógica.

Por último, na revisão da literatura não encontrei trabalhos similares, o que limita o estudo, nomeadamente na parte da discussão dos resultados.

5. Metodologia

Define-se investigação como “uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões”, Tuckman (1994.) É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Os principais tipos de investigação qualitativa centram-se em estudos etnográficos. É uma técnica, proveniente das disciplinas de Antropologia Social, que consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere, permitindo analisar a componente social das tarefas desempenhadas numa dada organização (Bogdan & Biklen (1994) e Patton (1990)). A análise qualitativa assume apenas valores categoriais, não numéricos.

Como ferramenta de investigação vou utilizar o método da Observação. É uma técnica de recolha de dados, que não consiste em apenas ver ou ouvir, mas também em examinar ações e comportamentos que se pretendem analisar. Ou seja, a observação é um processo que se situa mais além da perceção, já que perceber é interpretar, é dar significados aos conteúdos observados. O principal problema da observação é que a presença do observador pode provocar alterações no comportamento dos observados, destruindo a espontaneidade dos mesmos e produzindo resultados pouco confiáveis. Esta observação caracteriza-se por ser estruturada e naturalista, visto que existe uma grelha de observação para que seja mais fácil de forma categorica, interpretar os comportamentos observados. Naturalista, já que se realiza uma observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana.

O observador deverá proteger os docentes na investigação, se eles pretenderam o anonimato da sua intervenção deverá respeitar essa escolha. Deverei ter cuidado para que a investigação não seja controlada por parte dos docentes. Deverão perceber que será um estudo confidencial e intransferível que visa um estudo e não uma avaliação da sua performance. Em relação à metodologia quantitativa de forma comparativa com a qualitativa pode afirmar-se que esta metodologia qualitativa está mais focada nas pessoas, é mais humanista, interessam-se mais em como as pessoas percebem as suas experiências, no que elas acreditam e em como as suas interações com os outros influenciam as atitudes e valores, Berger & Luckmann, 1966.

5.1 Amostra

A recolha dos dados do presente estudo foi realizada na Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos - Vila Nova de Poiares, concelho de Coimbra, durante o 3º período letivo, do ano letivo 2012/2013. A amostra é restrita aos professores de núcleo de Educação Física desta escola. Não interessando os anos de docência para este estudo, de salientar o facto de existirem dois alunos estagiários. Eu não pertenço à amostra do estudo.

Para a realização do estudo, a amostra teve de:

- Aceitar participar no estudo, permitindo a observação das respetivas aulas;

5.1.1. Caracterização da Amostra

O núcleo de Educação Física da escola é constituído por 5 professores que se apresentam no Quadro de Nomeação Definitiva/Quadro de Agrupamento, mais 3 alunos estagiários. Da amostra, cinco são do sexo masculino e apenas dois do sexo feminino. Todos eles tiveram uma formação académica idêntica (Licenciatura em Ed. Física/Ciências do Desporto). Não interessa o nome dos professores, já que, não apresenta o carácter avaliativo. Sendo assim, serão anunciados como professor “1,2,3”, até ao número “7”, uma vez que, eu não pertença à amostra. O professor “1” apresenta 20 anos de serviço, o professor “2” tem 23 anos, o professor “3” apresenta 16 anos de serviço, o professor “4” 15 anos e o professor “5” 14 anos de serviço. O professor “6 e 7” são os dois professores estagiários.

5.2 Instrumentos

Como instrumentos de análise, foi realizado uma grelha de observação e por último reflexão crítica sobre os dados observados (análise documental). A análise é um momento difícil. Como disse anteriormente, a grelha de observação foi construída por mim, baseando-se na quadro resumo de Pierón (1980) que evidencia as três dimensões e estratégias para que se evidencie um professor eficaz, com um intuito de apresentar aspetos e ações que achava relevantes observar nos professores, para atingir o produto final. As três dimensões da grelha são a Instrução, Gestão e Clima/Disciplina. Contudo o objetivo do estudo é compreender o tempo que os professores promovem aos alunos para que estes tenham um empenho motor elevado, reduzindo assim, o tempo de “espera”. Para isso, foi contabilizado o tempo de empenho motor, através de um cronómetro. Quando os alunos se encontravam em atividade física o relógio iniciava, quando paravam para alguma transição, paragem, instrução, demonstração, o relógio parava. Quando

havia novamente um recomeço da atividade motora o cronómetro começa a contar. A grelha servirá de fundamentação para se perceber o resultado da contagem de tempo. A informação resultante é expressa em minutos ou segundos, sendo posteriormente convertida em percentagem (%), permitindo comparações entre observações. É necessário que se anote a hora de início da aula e do fim para que se contabilize o tempo útil de aula para converter em percentagem.

5.3 Material

Os materiais utilizados para o presente estudo foi uma grelha de observação e um cronómetro.

5.4 Procedimentos

Numa primeira fase, depois da definição de como iria decorrer o trabalho, e da elaboração da grelha de observação depois de muitos ajustes, era altura de falar com os intervenientes das observações. Nessa altura, dirigi-me junto a eles e tentei informá-los um pouco acerca do nosso estudo, garantindo toda a confidencialidade e anonimato dos dados obtidos.

Numa segunda fase, testei a grelha de observação num dos colegas de estágio para verificar a viabilidade desta. Após esta verificação, procedi às observações de duas aulas de cada professor, excepto dos meus colegas estagiários que só consegui observar uma aula. Estas observações decorreram no 3º período letivo, nas aulas de noventa minutos dos professores. Nem sempre as observações eram possíveis, já que, a minha disponibilidade horária era carregada e as aulas lecionadas nas aulas de noventa minutos eram desportos individuais, o que limitou um pouco o estudo, anteriormente referido.

As observações foram realizadas com a presença de um único observador, para que a perturbação da aula fosse mínima.

Posteriormente à recolha de dados seguiu-se a análise dos dados recolhidos, através de uma descrição/reflexão do que foi a aula observada, baseando-se nas

grelhas de observação. Houve a necessidade de traduzir a informação resultante em minutos ou segundos, em percentagem (%), permitindo comparações entre observações na discussão dos resultados.

5.5 Desenho Experimental

Trata-se de um estudo de natureza descritiva, quer do ponto de vista do controlo das variáveis, quer no tratamento dos dados recolhidos, e que procura estabelecer relações entre essas variáveis. Embora se defina à partida tanto o espaço da aula como os conteúdos a lecionar, não haverá obviamente qualquer interferência na escolha dos exercícios.

O presente estudo é qualitativo descritivo, como revela a seguinte tabela pois todas as variáveis em estudo (Instrução, Gestão, Clima/Disciplina, Atividade motora, Tempo de Espera) são qualitativas. De seguida será apresentada a descrição das dimensões utilizadas.

Variáveis em estudo

- **Instrução**

A Instrução é um comportamento de ensino através do qual o professor motiva e transmite ao aluno informações sobre as atividades dos objetos de aprendizagem, nomeadamente sobre “o quê, o como e o porquê fazer” (Quina, 2009). Está relacionada com a preleção, demonstração, feedback e questionamento.

- **Gestão**

Na dimensão organização incluem-se todas aquelas medidas que visam melhorar a qualidade de gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e da formação e movimentação dos grupos de trabalho durante as aulas (Quina, 2009).

- **Clima/Disciplina**

A dimensão de Clima/disciplina engloba aspectos de intervenção pedagógica relacionados com interações pessoais, relações humanas e ambiente. Piéron (1996) define comportamentos inapropriados como os comportamentos que estão em contradição com as regras habituais da aula, ou com certas normas sociais de comportamento.

- **Atividade motora**

Períodos em que mais de 50% da classe está empenhada em tarefas motoras prescritas pelo professor, relacionadas ou não com os objetivos da Unidade de Ensino. Durante este lapso de tempo o professor pode observar a atividade da classe, intervir dirigindo-se individualmente a um aluno ou a um grupo de alunos para reagir à prestação, incitar ou elogiar, corrigir comportamentos desviantes, etc.

- **Tempo de Espera**

O tempo de “espera” está diretamente relacionada com o tempo que o aluno se encontra em espera para realizar determinado exercício proposto pelo professor.

6. Apresentação e discussão dos resultados

✓ PROFESSOR 1

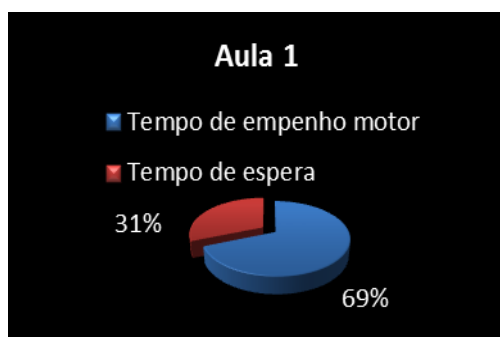


Gráfico 1 – 1ª Aula observada ao Professor 1.

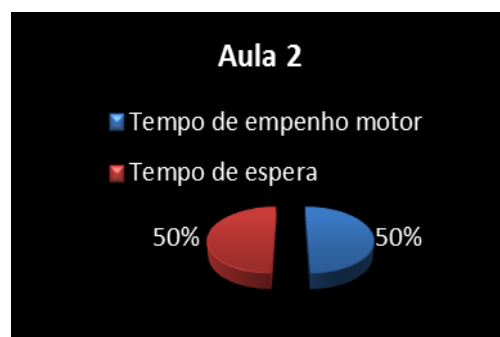


Gráfico 2 – 2ª Aula observada ao Professor 1.

As aulas observadas do Professor 1 tiveram como temática - o Ténis. Como podemos verificar nos gráficos acima mencionadas o tempo de atividade motor nas aulas foi diferente, cerca de 20%. Como podemos constatar na grelhas de observação (Anexo I e II) os anos de lecionação foram idênticos apesar das turmas serem diferentes.

Conclusões:

Este professor experiente é caracterizado por proporcionar aos seus alunos um tempo de atividade motora razoável, com pouco tempo de transição, pouco tempo de instrução e poucas transições. O professor circula com dinâmica, por vezes utilizando a demonstração mas sem dar feedbacks que pudessem ajudar os alunos numa melhor execução das ações motoras. Dos poucos feedbacks que o professor forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido. O professor interagiu com os alunos, algumas vezes mas sem dar feedbacks realmente pertinente que ajuda-se o aluno. O professor é pouco interventivo, o que provoca pouco dinamismo na aula, ao que, pouco e pouco a aula foi perdendo intensidade/energia. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. O professor proporciona muito tempo de prática aos seus alunos, mas não é controlado, ou seja, ele organiza a aula para que os alunos tenham uma grande densidade de atividade física mas

depois não controlo a atividade. Este controlo deverá ser realizado através de um dinamismo no espaço de aula, ser interventivo com os alunos, fornecer feedbacks oportunos e eficazes, capazes de resolver as dificuldades demonstradas, fechar círculos e feedbacks e controlo da turma a distância (feedback cruzado). Todos estes factos anunciados são conclusões das grelhas de observação I e II que se apresentam muito similares.

✓ PROFESSOR 2

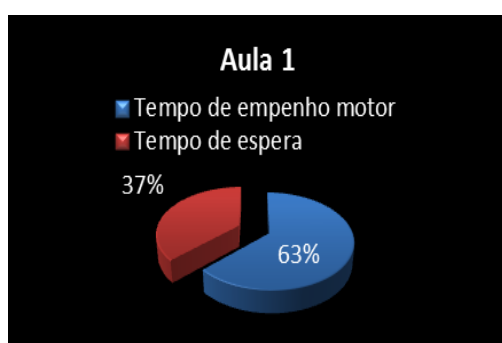


Gráfico 3 – 1ª aula observada ao Professor 2.

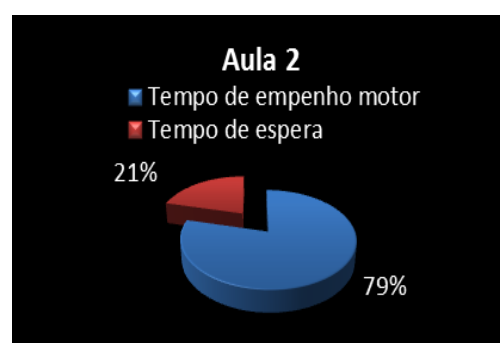


Gráfico 4 – 2ª aula observada ao Professor 2.

As aulas observadas do Professor 2 tiveram como temática – Raquetes e Futebol. Como podemos verificar nos gráficos acima mencionados, o tempo de atividade motora nas aulas foi diferente, cerca de 16%. Como podemos constatar nas grelhas de observação (Anexo III e IV), a turma observada foi a mesma nas duas aulas.

Conclusões:

Este professor experiente tem uma forma de lecionar as aulas de Educação Física muito idêntica ao professor 1. Este professor proporciona aos seus alunos um tempo de atividade motora razoável, com pouco tempo de transição, pouco tempo de instrução e poucas transições. Ao invés desta situação, circula com pouca dinâmica, não recorrendo à demonstração, não fornece feedbacks pertinentes e com conteúdo capazes de ajudar os alunos numa melhor execução das ações motoras. O professor é pouco interventivo, o que provoca pouco dinamismo. Se não for os próprios alunos a motivar-se e a demonstrarem interesse pelas aulas, não é o professor que tem este papel preponderante. O professor proporciona muito tempo de prática aos seus alunos, mas não é controlado, ou seja, ele organiza a aula para

que os alunos tenham uma grande densidade de atividade física mas depois não controlo a atividade. Este controlo deverá ser realizado através de um dinamismo no espaço de aula, ser interventivo com os alunos, fornecer feedbacks oportunos e eficazes, capazes de resolver as dificuldades demonstradas, fechar ciclos de feedbacks e controlo da turma a distância (feedback cruzado). Todos estes factos anunciados são conclusões das grelhas de observação III e IV.

✓ PROFESSOR 3

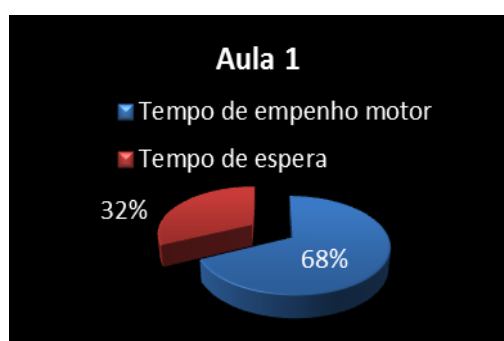


Gráfico 5 – 1ª Aula observada ao Professor 3.

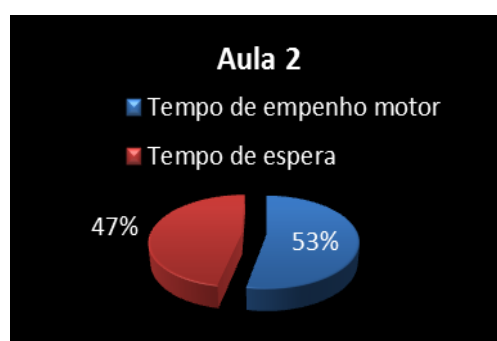


Gráfico 6 – 2ª Aula observada ao Professor 3.

As aulas observadas do Professor 3 tiveram como temática – Luta e Danças Tradicionais Portuguesas. Como podemos verificar nos gráficos acima mencionados, o tempo de atividade motor nas aulas foi diferente, cerca de 15%. Como podemos constatar nas grelhas de observação (Anexo V e VI), os anos de escolaridade foram diferentes.

Conclusões:

Perante a análise das duas aulas, resta-me referir e destacar as principais ilações deste professor experiente. Este professor caracteriza-se por proporcionar aos alunos o maior tempo possível de empenho motor nas suas aulas, mas ao invés dos 2 professores anteriores, controla a atividade dos alunos, fornecendo feedbacks constantes e pertinentes, demonstrações eficazes, intervém constantemente com os alunos motivando-os e circula com muita dinâmica transferindo a sua energia para a aula. Verifica-se que o professor apresenta um planeamento antes de lecionar as suas aulas, já que as transições e os grupos são formados de forma rápida, perdendo-se pouco tempo nesta tarefa. É visível a preocupação que o professor

apresenta no que diz respeito ao progresso dos alunos, pelo facto, de emitir constantemente feedback oportunos e pertinentes de acordo com as dificuldades sentidas pelos alunos. Sempre que haja relevante, utiliza a demonstração como forma forma de explicar e melhorar as ações dos alunos. Como refere Pierón 1985, nem sempre uma grande quantidade de empenho motor é sinónimo de aprendizagem dos alunos. É necessário que a atividade dos alunos seja controlada para que haja aprendizagem/evolução das capacidades dos alunos, onde o professor se apresente interventivo, dê feedbacks com conteúdo capazes de ultrapassar as dificuldades dos alunos, diminua o tempo de gestão e transições entre tarefas através de um planeamento antecipado e controlo da atividade dos alunos à distância para que sintam sempre observados através de feedbacks cruzados.

✓ PROFESSORA 4

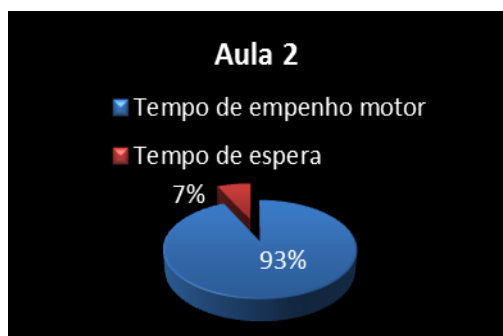


Gráfico 7 – 1ª Aula observada ao Professora 4.



Gráfico 8 – 2ª Aula observada ao Professora 4.

As aulas observadas da Professora 4 tiveram como temática – Dança (Aeróbica) e Voleibol. Como podemos verificar nos gráficos acima mencionados, o tempo de atividade motor nas aulas foi bastante diferente, cerca de 56%. Como podemos constatar nas grelhas de observação (Anexo VII e VIII), a turma observada foi a mesma, resta saber porquê tanta diferença entre duas aulas.

Conclusões:

Esta professora experiente tem dois comportamentos muito diferentes nas duas aulas observadas em termos de intervenção pedagógica. A conclusão que retiro da análise das duas aulas através dos gráficos e das grelhas de observação é

que a professora conforme as matérias lecionadas altera a sua intervenção. Na primeira aula a professora é interventiva, fornece feedback com conteúdo, realiza demonstrações eficazes, transmite energia e alegria à turma e circula com dinâmica, na segunda aula a professora coloca os alunos em situação de jogo mas não controla nem fornece feedbacks para que os alunos melhorem as suas prestações e apresenta pouco controlo sobre a turma. A exercitação de jogo é muito importante mas há estratégias que se devem adotar, através de feedbacks constantes, demonstrações, paragem da atividade para instruir e mencionar aspectos importantes do jogo. Como consequência, alguns alunos começaram a sentar-se, ficando desmotivados para a prática, já que a intervenção da professora era reduzida.

Se na primeira a aula a sua intervenção foi boa na segunda, já não se pode referir a mesma coisa.

✓ **PROFESSORA 5**

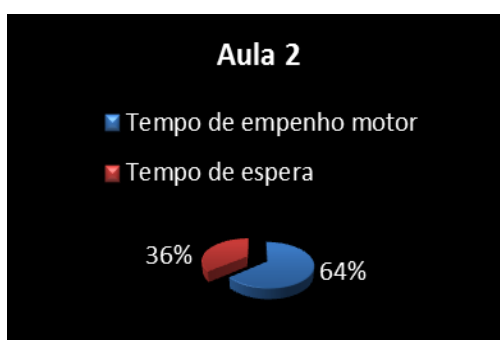


Gráfico 9 – 1ª Aula observada ao Professora 5.

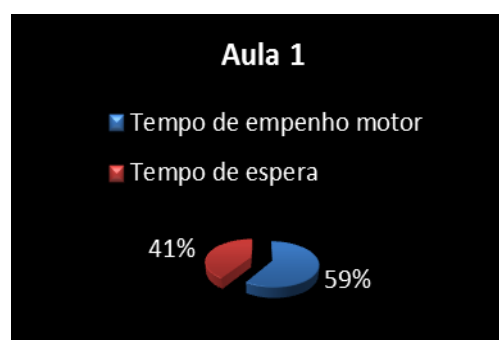


Gráfico 10 – 2ª Aula observada ao Professora 5.

As aulas observadas do Professora 5 tiveram como temática – o Ténis. Como podemos verificar nos gráficos acima mencionados, o tempo de atividade motor nas aulas não foi muito diferente, cerca de 6%. Como podemos constatar nas grelhas de observação (Anexo IX e X), a turma observada foi a mesma nas duas aulas.

Conclusões:

Perante a análise das duas aulas, resta-me referir e destacar as principais ilações desta professora experiente. A professora proporciona um razoável tempo de empenho motor que podia ser mais elevado se a sua intervenção, estratégias e

metodologia das suas aulas modificassem. Em termos de metodologia, a professora utiliza processos muito analíticos no início das aulas em que os alunos estão muito tempo para executarem uma ação motora. No decorrer da aula utiliza situação de jogo mas não controla a atividade dos seus alunos. O jogo é importante desde que seja controlado, fornecendo feedbacks constantes e oportunos, demonstrações eficazes capazes de solucionar as dúvidas dos alunos. Nestas circunstâncias, em que o espaço de aula é alargado pelo polidesportivo, a professora deverá manter uma dinâmica enorme sempre de forma periférica e não pelo meio dos campos como aconteceu, fornecendo feedbacks e controlando a atividade dos alunos à distância fornecendo feedbacks cruzados. Outra estratégia que fez diminuir o tempo de empenho motor foi alterar o número de elementos por equipas. No início da aula, sempre que possível, deve-se constituir as equipas (já planeadas em casa) e manter essas equipas até ao fim da aula, ou não alterar constantemente o número de elementos (realizar uma atividade com equipas de 3 elementos, a atividade a seguir com 5 elementos, posteriormente uma atividade com 3 elementos).

De facto a professora proporciona tempo de empenho motor aos seus alunos mas não é controlado, através de uma instrução específica e como refere Piéron 1985, não se traduz em progresso/aprendizagem dos alunos de forma eficaz. Carreio da Costa (1985) refere que é primordial existir tempo de empenho motor para proporcionar aprendizagem aos alunos, embora não seja suficiente por si só. Se dedicarmos tempo de empenho motor considerável aos nossos alunos mas se não for controlado, através de uma intervenção pedagógica eficaz referida anteriormente, não existe aprendizagem dos alunos

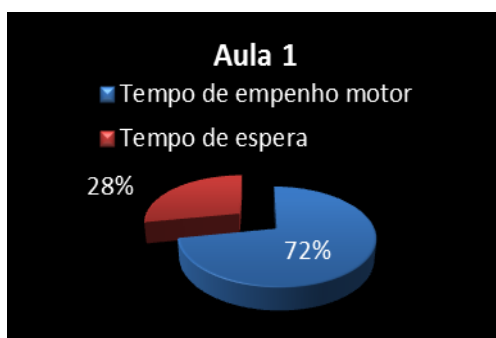
✓ **PROFESSOR 6**

Gráfico 11 – 1ª Aula observada ao Professor Estagiário 6.

A aula observada ao professor estagiário teve como temática – o Tag Râguebi. Como podemos verificar no gráfico acima apresentado, o tempo de atividade motor foi alto/bom. Resta, no entanto, perceber como este professor conseguiu proporcionar aos seus alunos este tempo de empenho motor.

Conclusões:

Perante a análise da grelha de observação (Anexo XI) e do gráfico, resta-me indicar as principais conclusões deste professor estagiário no que diz respeito, à sua intervenção, metodologia, estratégias que proporcionam um tempo de empenho elevado.

Como podemos observar, o professor tem um trabalho planeado que proporciona menos perdas de tempo na aula, no que diz respeito ao planeamento. O professor apresentou rotinas estruturadas na organização da aula, relativamente, à constituição das equipas e transições entre tarefas. Como refere a literatura, muito do tempo desperdiçado nas aulas de Educação Física por professores estagiários é a organização da turma na aula e as transições entre tarefas. Estas lacunas existentes em vários estagiários, não são reconhecidas neste. Porquê!? Lecionar uma aula não é só pensar nos melhores exercícios para ultrapassar e desenvolver as capacidades dos alunos, indo ao encontro das dificuldades de cada um. Existe um trabalho mais massivo por detrás deste professor. O planeamento da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas, transições entre tarefas, conseguir pensar em propostas de ajustamento caso falte alunos na aula onde os objetivos dos exercícios sejam idênticos, são tarefas muito complexas e importantes para que,

depois, a aula tenha um empenho motor ideal para proporcionar aprendizagens aos alunos. Outra das estratégias a ter em conta é, não alterar o número de elementos por equipas nas diversas tarefas da aula. Manter o número de elementos por equipa. Sempre que possível, realizar esta tarefa no início da aula na preleção inicial ou no momento em que os alunos vão chegando à aula.

No que diz respeito à intervenção pedagógica, o professor fornece feedbacks pertinentes e oportunos, mas sem demonstrar constantemente o que pretende. Os feedbacks dados pelo professor apresentavam conteúdo, visando a melhoria das capacidades dos alunos. Uma estratégia para aumentar o tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física evidenciadas pelo professor, é fornecer feedbacks em grupos de trabalho em tempos diferentes. Ou seja, se no espaço de aula, numa dada atividade, existem 2 grupos de trabalho em 2 campos diferentes, fornecer feedback, demonstrações em tempos diferentes. Interromper primeiro um grupo enquanto, o outro está em exercitação (nunca ficando de costas voltadas para o grupo) e de seguida fornecer feedback ao outro grupo.

✓ PROFESSOR 7

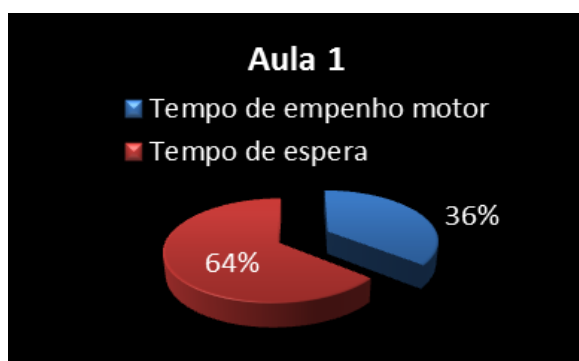


Gráfico 12 – 1ª Aula observada ao Professor Estagiário 7.

A aula observada ao professor estagiário teve como temática – as Danças Tradicionais Portuguesas. Como se pode constatar no gráfico acima mencionado, o tempo de espera é maior do que o tempo de empenho motor. Será que, com este tempo de atividade motora os alunos adquirem progressos/aprendizagens? De seguida, diante da minha conclusão tentará perceber-se o porquê deste tempo de empenho motor.

Conclusões:

Perante a análise da grelha de observação (Anexo XII) e do gráfico, resta-me indicar as principais conclusões deste professor estagiário no que diz respeito, à sua intervenção, metodologia, estratégias que proporcionam um tempo de empenho elevado.

Como podemos constatar, o professor na aula observada não promove muito tempo de empenho motor aos seus alunos. Um estudo de Carreiro da Costa (1995), verificou que os professores considerados "mais" eficazes oferecem uma grande relevância à informação sobre os exercícios ou habilidades a realizar, focam constantemente os aspectos críticos de cada elemento de aprendizagem e reforçam a sua instrução com frequentes demonstrações, com o objetivo de clarificar o que é explicado e pedido aos alunos. Segundo Carreiro da Costa (1995) e Piéron (1996) as turmas que revelam maiores ganhos de aprendizagem são as que dispõem de um maior tempo de informação específica. De acordo, com estes autores, mais do que proporcionar aos alunos tempo de empenho motor, é preciso regulá-lo. Nem sempre um elevado tempo de empenho é sinónimo de aprendizagem por parte dos alunos. O professor neste caso prescindiu de um elevado tempo e focalizou-se mais na sua intervenção e demonstração das habilidades. Este professor apesar de proporcionar pouco tempo de prática aos seus alunos, através da metodologia utilizada na aula, revela alguns cuidados na sua intervenção e na gestão da aula. Para proporcionar um maior tempo de empenho motor aos seus alunos, o professor planeia a aula formando grupos em casa para que seja mais rápida esta parte da aula. A estratégia utilizada passou por formar dois grupos de trabalho onde era mais fácil a visualização de erros técnicos para poder mais facilmente fornecer feedback no decorrer da ação motora ou no fim, usando como recurso a demonstração. Não se pode pensar que tão pouco tempo de empenho motor é sinónimo de pouca aprendizagem dos alunos. Mais vale menos tempo de empenho motor desde que seja controlado a ação dos alunos do que proporcionar aos alunos muito tempo de prática descontrolada, onde o professor não tem interesse pelas ações dos seus alunos, não preconizando quaisquer tipo de feedbacks e demonstrações, transpassando um mero "espectador" da ação educativa.

7. Conclusões

No presente capítulo serão referidas todas as conclusões retiradas do estudo realizado. Mais do que simples conclusões, este estudo servirá como base para futuros professores ou estagiários, uma vez que indica estratégias de intervenção pedagógicas capazes de promover tempo de empenho motor aos seus alunos. Estas ilações anunciadas terão como base os objetivos específicos apresentados anteriormente.

Na análise ao primeiro objetivo, onde consta verificar se os professores promovem um maior tempo de empenho motor do que tempo de “espera” nas suas aulas, conclui-se então que, todos os professores promovem nas suas aulas um tempo de empenho motor razoável/alto, excepto raras situações onde se verificou um maior tempo de “espera”. As aulas onde estas situações se verificaram foram na matéria de Dança (Aeróbica) e Danças Tradicionais Portuguesas. O tempo de empenho motor e de “espera” está inteiramente relacionado com as estratégias de intervenção pedagógica. São diversas as estratégias de intervenção pedagógica verificadas que podem conduzir a um maior tempo de atividade motora aos seus alunos com qualidade. Estas estratégias podem ser diferentes de matéria para matéria, mas de professor para professor não podem ser muito desiguais. Como é o caso das matérias de Aeróbica e Danças Tradicionais Portuguesas, nos dois professores (um experiente e outro estagiário), a estratégia de intervenção foi idêntica apesar do pouco tempo de atividade física proporcionada aos alunos. Como podemos concluir posteriormente, nem sempre muito empenho motor é sinónimo de aprendizagem. Carreio da Costa (1995) no seu trabalho confirma que os professores considerados “mais” eficazes dão uma grande relevância à informação sobre os exercícios ou habilidades a realizar, focam constantemente os aspectos críticos de cada elemento de aprendizagem e reforçam a sua instrução com frequentes demonstrações, com o objetivo de clarificar o que é explicado e pedido aos alunos.

A estratégia destas duas matérias baseou-se muito na instrução e, num bom feedback pedagógico, auxiliado por uma demonstração eficaz. Neste caso, e nestas duas matérias, um elevado tempo de “espera” traduziu-se em

aprendizagem/progresso nos alunos. Mas como referi anteriormente, este tipo de estratégia não é eficaz em todas as matérias.

A postura e o empenho que o professor encara o processo de ensino-aprendizagem reflete-se nas aprendizagens dos alunos. *“Se um professor não se preocupa nem tem por objetivo que os seus alunos aprendam, o seu papel é o de um animador ou organizador de atividades desportivas bem pago, com sorte consegue que os alunos se divirtam sem se prejudicar.”* (Siedentop, 1998). Esta situação vem proporcionar a minha próxima conclusão. Nas aulas dos professores experientes pode-se verificar o elevado tempo que estes proporcionam aos seus alunos. Quem verificar os gráficos rapidamente, retira ilações erradas. É verdade que eles oferecem aos seus alunos um elevado tempo de empenho motor, mas será que o processo de ensino-aprendizagem tem qualidade que permita a obtenção de aprendizagens?! Dificilmente estas estratégias são eficazes. Devido aos seus anos de lecionação, os professores são mais desleixados nas rotinas de planeamento de uma aula que leve a antecipar os imprevistos e ao mesmo tempo gerir melhor o tempo de aula, a partir de um planeamento com base nestas estratégias. Os professores recorrem muito na última parte da aula, a situações de jogo formais, alterando por vezes o espaço ou o número de alunos por equipa. É certo que o jogo, é importante para a aprendizagem dos alunos, desde que, seja controlado pelos professores, situação que não se verifica. Os professores colocam os alunos a jogar e “desaparecem”, literalmente da aula. Não pode acontecer. Em situações de jogo, o professor tem um papel preponderante, tornando-se a sua intervenção imprescindível. O papel do professor nesta situação é circular com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos, demonstrando as ações motoras pretendidas, parando a aula quando for pertinente, de forma a ajudar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades com o objetivo de melhorarem a qualidade do jogo.

Outras conclusões deste trabalho, foi enaltecer algumas estratégias que proporcionam o tempo de empenho motor elevado. No que diz respeito, à constituição das equipas não deverá ser alterado o número de elementos constantemente, planear o ajustamento caso alunos falem às aulas e formar as equipas no início das aulas à medida que os alunos chegam ao espaço de aula, Outra estratégia de realçar, preside neste exemplo: sempre que os alunos sejam divididos em dois grupos de trabalho em dois campos e se existir a necessidade de

fornecer feedback ao grupo ou instruir uma nova variante na tarefa deverá realizar-se uma vez a um grupo e de seguida ao outro grupo e não chamar os dois grupos de trabalho ao mesmo tempo. É de salientar neste exemplo, que o professor quando intervêm na execução dos alunos para fornecer algum feedback, instrução ou demonstração nunca deverá ficar de costas para o outro grupo.

Na vertente, “se os professores experientes proporcionam mais tempo de empenho motor aos seus alunos do que os professores estagiários” podemos concluir que esta citação é verdade, mas como analisámos anteriormente, maior tempo de empenho motor não implica um ensino com melhor qualidade. É certo que os professores experientes proporcionam mais tempo de atividade motora mas “descontrolado”, onde não intervêm com os seus alunos. Ao invés disso, os professores estagiários dedicam mais tempo da aula no controlo, no que diz respeito aos feedbacks ricos em conteúdos, instruções e demonstrações pertinentes. Com todas as aprendizagens adquiridas e o nível de exigência colocado, os professores estagiários, evidenciam obrigatoriamente um maior cuidado na manipulação dos meios para conceção de aulas mais eficazes, o que poderá não se verificar nos colegas mais velhos. Outro estudo pertinente neste âmbito era realmente “*saber que rotinas de planeamento é que estes professores ainda mantêm, nas suas aulas de Educação Física!*”

Em jeito de conclusão, irei responder à questão fulcral no desenvolvimento deste trabalho. “Será que o tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física está relacionado com as dimensões da intervenção pedagógica?”

Após a análise das intervenções de sete professores da Escola EB 2,3/ Secundária Doutor Daniel de Matos, cinco experientes e dois estagiários, pode chegar à conclusão que, realmente o tempo de empenho motor proporcionado nas aulas está relacionado com as dimensões de Instrução, Gestão e Clima/Disciplina. Enaltece o facto, de um professor chegar à aula, organiza a turma e coloca-os em empenho motor a aula toda e senta-se ou anda a realizar outra tarefa. Assim, os alunos têm muito tempo de empenho motor nas aulas de Educação Física mas será este tempo com qualidade, que promova as aprendizagens e desenvolvimento das capacidades dos alunos? Não! É claro, que um professor deverá proporcionar aos seus alunos um maior tempo de prática aos seus alunos, mas se não for controlado através de estratégias eficazes de intervenção pedagógica, acaba pelo seu ensino não ser realmente eficaz ou as suas aulas apresentarem muito tempo de “espera”

em aspectos com organização das tarefas, transições entre tarefas, constituição de grupos e equipas, etc.

Parece existir uma relação entre o tempo potencial de aprendizagem, a matéria lecionada e as características de intervenção do professor. Ou seja, o professor que apresenta uma intervenção pedagógica melhor, tem a necessidade de interromper mais vezes para corrigir e isso acaba por interferir diretamente na % de tempo em atividade. Pelo contrário, os professores que não intervêm também revelam menos qualidade na sua intervenção, com toda as implicações que isso poderá ter para a progressão individual do aluno, mas que por sua vez apresentam percentagens de práticas elevadas. Esta conclusão pode levantar até outros pontos de interesse para novos estudos, como por exemplo: *“O que seria mais eficaz para a aprendizagem dos alunos, mais prática com menos qualidade, ou menos prática com mais qualidade?”*.

Preside nas três dimensões de intervenção pedagógica, estratégias que promovam o ensino com qualidade proporcionando maximizar o empenho motor dos alunos nas aulas de Educação Física. Abaixo, indico algumas estratégias que pude concluir com a realização deste trabalho.

Tabela 3- Estratégias de intervenção pedagógica adequadas para proporcionar aos alunos maior tempo de empenho motor, com qualidade, nas aulas de Educação Física.

Estratégias de intervenção pedagógica adequadas para proporcionar aos alunos maior tempo de empenho motor, com qualidade, nas aulas de Educação Física.	
<ul style="list-style-type: none"> • Começo da aula à hora prevista; 	<ul style="list-style-type: none"> • Poucos episódios de transição, quando acontecem que sejam planeados antecipadamente;
<ul style="list-style-type: none"> • Preparação antecipada do material da aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Planear tempos de paragem na aula, por exemplo para beber água;
<ul style="list-style-type: none"> • Jogar com as cores dos coletes na formação de grupos, para que, se possa modificar ao longo da aula utilizando apenas as referidas cores; 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar exercícios durante períodos como o aquecimento e os alongamentos;
<ul style="list-style-type: none"> • Períodos curtos de instrução; 	<ul style="list-style-type: none"> • Planear o ajustamento da organização dos alunos, caso alunos faltem às aulas para que os objetivos das tarefas sejam idênticos;
<ul style="list-style-type: none"> • Fornecer feedbacks pedagógicos, pertinentes e constantes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Intervir em dois grupos de trabalho em tempos diferentes;
<ul style="list-style-type: none"> • Poucas transições entre tarefas e quando acontecerem, que sejam fluentes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Definir antecipadamente rotinas estruturadas na organização da aula (constituição de grupos, equipas,...)
<ul style="list-style-type: none"> • Poucas paragens na aula (fluidez na aula) 	<ul style="list-style-type: none"> • Regras de funcionamento claras e objetivas;
<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir entusiasmo e energia à aula; 	<ul style="list-style-type: none"> • Prever comportamentos de desvio;
<ul style="list-style-type: none"> • Ter empatia com os alunos, comunicando através de uma abordagem positiva; 	<ul style="list-style-type: none"> • Não alterar a constituição dos grupos ou equipas no decorrer da aula, se possível;
<ul style="list-style-type: none"> • Controlo da atividade dos alunos à distância (emite feedbacks cruzados); 	<ul style="list-style-type: none"> • Circular com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos;
<ul style="list-style-type: none"> • Optar por exercícios com estrutura semelhante e que se possa jogar com as variantes (principalmente nos Jogos Desportivos Coletivos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se o feedback teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback);
<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de jogos reduzidos, estações ou percursos técnicos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Poucos alunos por grupo para aumentarem o tempo de excitação;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ❖ Bento, J. (1999). Contextos e perspectivas. In Bento, J., Garcia, R. e Graça, A. (Eds). Contextos da Pedagogia do Desporto (pp.19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- ❖ Carreiro da Costa, F. e Piéron, M. (1990). Comparaison de deux Enseignants Classés Selon les Progrès de Leurs Élèves. *Em Revue de l'Education Physique*. 30 (2). 57-63.
- ❖ Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Factores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- ❖ Gonçalves, C. (1994). Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem em Educação Física. *Boletim SPEF*, nº10/l 1, Verão/ Outono, (pp. 111-133).
- ❖ Gonçalves, C. (1994). Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem em Educação Física. *Boletim SPEF*, nº10/l 1, Verão/ Outono, pp. 111-133.
- ❖ Graça, A. (2004). O desporto na escola. Enquadramento da prática. In Gaya, A., Marques, A. e Tani, G. (Eds.). Desporto para crianças e Jovens (pp.97-112). Porto Alegre: UFRGS.
- ❖ Graça, A. (1997). *O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol*. Dissertação apresentada às provas de Doutoramento no ramo de Ciências do Desporto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Porto.
- ❖ Januário, C. (1992). *O Pensamento do Professor relação entre as Decisões Pré - Interactivas de Ensino em Educação Física*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Doutor em Ciência da Educação, na especialidade de Análise e Organização de Situações de Educação. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- ❖ Ministério da Educação: Decreto Regulamentar nº 2/2008 de 10 de Janeiro.

- ❖ Ministério da Educação (2001). *Programa Nacional de Educação Física 3º ciclo – Reajustamento*. Retirado de http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EF.asp.
- ❖ Mosston, M. Ashworth, S. (1985). *Revista Horizonte*. Vol. II. Nº1 maio-junho. (pp.23-32).
- ❖ Nobre, P. (2011). *Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular*. (documentos de apoio à Unidade Curricular de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra;
- ❖ Nobre, P. (2012). *Avaliação pedagógica em E.F.* (documentos de apoio à Unidade Curricular de Avaliação Pedagógica em E.F.). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra;
- ❖ Piéron, M. e Piron, J. (1981). *Recherche de Critères d'Efficacité de l'Enseignement d'Habilités Motrices*. *Sport*. Vol. 24, pp. 144-151.
- ❖ Piéron, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógicas*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- ❖ Piéron, M (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Barcelona: INDE. Capítulo 3, pp. 53-91.
- ❖ Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- ❖ Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Second Edition. Mayfield Publishing Company.
- ❖ Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3rd Ed.). Mayfield Publishing Company.
- ❖ Siedentop, D. (1998). *Las estrategias generales de enseñanza*. In *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.
- ❖ Siedentop, D. (1998). *Regaining the Public Trust: Complex Social Problems Meet Specialized Academic Disciplines*. *Quest*, 50, 170-178.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO I – Grelha de observação nº1 do Professor 1 e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	18/04/2013	Unidade Didática:	Ténis
Professor observado:	Zé Pedro	Turma:	6ºC	Local:	Exterior	Hora:	08:30/ 10:00
Nº de alunos: 22	Hora de início: 08h46'		Hora de fim: 09h44'		Tempo de aula: 58'		

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário		X		
		- Colocação adequada			X	
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada		X		
		- Períodos curtos de instrução			X	
		- Clarifica os comportamentos visados		X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos			X	
		- Utiliza a demonstração		X		
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução	X			
		- Certifica-se da compreensão da mensagem		X		
	<u>Qualidade do FB</u>	- FB frequentes			X	
		- FB prescritivos			X	
		- FB de reforço			X	
		- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)	X			
<u>Conclusão da Aula</u>	- Utiliza o questionamento	X				
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X				
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor	40'16"			
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição			X	
		- Transições fluentes			X	
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)		X		
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)			X	
- Sequência lógica nas atividades			X			
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras		X		
		- Interage positivamente com os alunos			X	
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível		X		
		- Transmite entusiasmo e energia à aula			X	
		- Controlo da atividade dos alunos à distância	X			
		- Emite FB cruzados	X			
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica			X	
		- Comunica através de uma abordagem positiva		X		
		- Tem empatia com os alunos			X	
		- Utiliza a comunicação não-verbal		X		
		- Utiliza linguagem compreensível e adequada			X	
- É audível				X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo analisar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais, que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de – **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 11 minutos, já que o professor chegou atrasado e a preparação da aula ficou prejudicado, ocupando ainda mais tempo. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos colocados à sua frente, mas alguns alunos não estavam a ouvir o que o professor dizia, brincando com o material da aula. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não se perdesse muito mais tempo. Na Condução da aula, o professor circulava mal no espaço de aula, uma vez que a estratégia que adotou foi 2 grupos a trabalhar em 2 campos diferentes e por vezes, circulava no meio, ficando de costas para a execução dos alunos. O professor circulava com alguma dinâmica, intervindo com os alunos, por vezes utilizando a demonstração mas sem dar feedbacks que pudessem ajudar os alunos numa melhor execução técnica dos gestos, dizendo quase sempre "Repara como faço, vês! Faz igual agora". Dos poucos feedbacks que o professor forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido. O professor interagiu com os alunos, algumas vezes, mas sem dar feedbacks realmente pertinente que ajuda-se o aluno. O professor utiliza pouco tempo de instrução, o que provoca pouco dinamismo na aula, sendo assim a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula seja alegre e motivadora é o próprio professor que tem de dar essa energia, transpô-la para os seus alunos. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. Na conclusão da aula não existiu um *transfer* para a próxima aula, tendo os alunos que arrumar o material utilizado na aula.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor até se verificou elevado, já que as transições eram poucas e fluentes e realizou uma progressão lógica das atividades. Entanto, podia ser muito mais proveitoso, através de uma metodologia melhor, que não seja, duas filas em que os alunos estão à espera para a execução, muito tempo. Os 40 minutos, aproximadamente, de tempo de empenho motor resulta do jogo que o professor planeou para o fim, porque até

então, a aula tinham sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições o que favorece um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte do professor.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controle da atividade, o professor não controla a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula poderá ser mais moderado e calmo. Nem sempre usa as expressões adequadas.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
58'30" = 3510 s	40'16" = 2416 s	18'14" = 1094 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$\begin{aligned} 3510 \text{ s} &\longrightarrow 100 \% \\ 2416 \text{ s} &\longrightarrow X \end{aligned}$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2416 \times 100)}{3510} = 69 \%$$

Sendo assim, a percentagem de **empenho motor** nesta aula observada foi de **69 %**, o que faz com que o **tempo de “espera”** seja de **31 %**.

ANEXO II – Grelha de observação **nº2** do **Professor 1** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	24/04/2013	Unidade Didática:	Ténis
Professor observado:	Zé Pedro	Turma:	6ºA	Local:	Exterior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 20		Hora de início: 08h50		Hora do fim: 9h 38'		Tempo de aula: 48'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário	X			
		- Colocação adequada		X		
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula	X			
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores	X			
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula		X		
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada		X		
		- Períodos curtos de instrução				X
		- Clarifica os comportamentos visados		X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos		X		
		- Utiliza a demonstração		X		
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução	X			
		- Certifica-se da compreensão da mensagem	X			
	<u>Qualidade do FB</u>	- FB frequentes			X	
		- FB prescritivos	X			
		- FB de reforço			X	
- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)		X				
<u>Conclusão da Aula</u>	- Utiliza o questionamento	X				
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X				
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor				24'12''
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X
		- Transições fluentes				X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)	X			
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)				X
- Sequência lógica nas actividades			X			
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras		X		
		- Interage positivamente com os alunos		X		
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível		X		
		- Transmite entusiasmo e energia à aula		X		
		- Controlo da atividade dos alunos à distância	X			
		- Emite FB cruzados	X			
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica		X		
		- Comunica através de uma abordagem positiva		X		
		- Tem empatia com os alunos			X	
		- Utiliza a comunicação não-verbal	X			
- Utiliza linguagem compreensível e adequada		X				
- É audível				X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo comentar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que, a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 15 minutos, uma vez que, o professor chegou atrasado e a preparação da aula e do espaço ficou condicionada, demorando mais tempo que o previsto. A colocação das redes no campo e a organização das raquetes e das bolas exige mais tempo do professor antes do começo da aula. Será uma tarefa que deverá acontecer antes da chegada dos alunos para, no início da aula não se perda tempo neste tipo de situações. A colocação do professor foi razoável, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua retaguarda e alguns alunos não ouviram a preleção inicial por se encontrarem na brincadeira com o colega do lado. A preleção inicial do professor foi curta e concisa para que não perde-se muito tempo. Na Condução da aula, o professor circulava mal no espaço de aula, uma vez que a estratégia que adotou foi 2 grupos a trabalhar em 2 campos diferentes e por vezes, circulava no meio, ficando de costas para a execução dos alunos. O professor circulava com pouca dinâmica, intervindo com os alunos, por vezes utilizando a demonstração mas sem dar feedbacks que pudessem ajudar os alunos numa melhor execução técnica dos gestos. Dos poucos feedbacks que o professor forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido (fechas ciclos de feedback). O professor interagiu com os alunos, mas sem dar feedbacks realmente pertinente que ajuda-se o aluno. O professor interveio pouco na aula, o que provocou pouco dinamismo e, a pouco e pouco, a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula seja alegre e interessante é necessário que o professor possa dar motivação, passar a energia lá para dentro. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. A aula fica marcada pela pouca exercitação por parte dos alunos, uma vez que, os alunos realizam estafetas, em que nem todas estavam a realizar ao mesmo tempo o exercício. O colega tinha de esperar que dois, três, quatro colegas realizassem a atividade para ser a vez dele. Com este tipo de estratégia é normal que o empenho na aula seja reduzido. Na conclusão da aula não

existiu um transfer para a próxima aula, tendo os alunos de arrumar o material utilizado na aula.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se razoavelmente baixo, mesmo assim as transições eram poucas e fluentes e realizou uma progressão lógica das atividades. Devido o atividades serem realizadas com duas filas de 10 alunos o empenho motor na aula era reduzido. Os 24 minutos aproximadamente de tempo de empenho motor resulta do jogo que o professor planeou para o fim, porque até lá a aula tinham sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições o que favorece um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte do professor.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor não controla a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula poderá ser mais moderado e calmo. Nem sempre usa as expressões adequadas.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
48'28" = 2908 s	24'12" = 1452 s	24'16" = 1456 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$2908 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$1452 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(1452 \times 100)}{2908} = 50 \%$$

Sendo assim, a percentagem de **empenho motor** nesta aula observada foi de **50 %**, com que faz que a de **tempo de “espera”** seja de **50 %**.

Síntese das duas aulas:

Aula 1: Pode-se observar no gráfico 1 e da análise da grelha de observação da primeira aula (Anexo I), o elevado tempo motor, valor acima da média, que pode ser explicado por vários factores que passo a citar: as transições eram poucas e fluentes, períodos curtos de instrução, utiliza pouca demonstração e fluidez na aula. A metodologia utilizada no início da aula não era a mais correta e eficaz para proporcionar o tempo razoável de empenho motor aos alunos. O tempo de empenho motor explica-se devido ao facto, dos últimos 45 minutos de tempo útil de aula resultasse de jogo, porque até então, a aula tinham sido muito parada.

Aula 2: Pode-se observar no gráfico 2 e da análise da grelha de observação da segunda aula (Anexo II), o mínimo aceitável de empenho motor nas aulas de Educação Física. Este tempo de empenho motor poderá ser explicado pelas seguintes razões: aula começa muito atrasada, muito tempo de preparação do material da aula e não existem rotinas estruturas (equipas, grupos). Mesmo assim, o professor revelou períodos curtos de instrução, transições eram poucas e fluentes, utiliza pouca demonstração e fluidez na aula. Mais uma vez, como na aula 1, o professor proporcionou aos alunos muito tempo de jogo na última parte da aula, onde os alunos tiveram sempre em atividade física.

ANEXO III – Grelha de observação nº1 do Professor 2 e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	24/04/2013	Unidade Didática:	Ténis
Professor observado:	João Santos	Turma:	5ªA	Local:	Exterior	Hora:	12:00 / 13:30
Nº de alunos: 15		Hora de início: 12h11		Hora do fim: 13h13		Tempo de aula: 61'48"	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB	
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário		X			
		- Colocação adequada		X			
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula	X				
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores	X				
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula	X				
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada				X	
		- Períodos curtos de instrução					X
		- Clarifica os comportamentos visados					X
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos		X			
		- Utiliza a demonstração		X			
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução	X				
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem	X				
		- FB frequentes		X			
		- FB prescritivos	X				
		- FB de reforço		X			
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)	X					
	- Utiliza o questionamento	X					
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X					
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor				38'48"	
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X	
		- Transições fluentes					X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)	X				
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)					X
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Sequência lógica nas actividades		X			
		- Regras claras		X			
		- Interage positivamente com os alunos			X		
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X		
		- Transmite entusiasmo e energia à aula		X			
		- Controlo da atividade dos alunos à distância	X				
	<u>Comunicação</u>	- Emite FB cruzados	X				
		- É credível quando comunica			X		
		- Comunica através de uma abordagem positiva			X		
		- Tem empatia com os alunos			X		
		- Utiliza a comunicação não-verbal	X				
- Utiliza linguagem compreensível e adequada			X				
- É audível					X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 7 minutos, já que o professor chegou atrasado e a preparação da aula e do espaço demorou algum tempo, perdendo-se assim tempo útil de aula. A colocação do professor foi razoável, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua retaguarda. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não desperdiçasse muito tempo. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica, mais no início da aula, em que a turma estava junta, intervindo com os alunos, por vezes utilizando a demonstração mas sem dar feedbacks que pudessem ajudar os alunos numa melhor execução técnica dos gestos. Dos poucos feedbacks que o professor forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido. O professor interagiu com os alunos, algumas vezes mas sem dar feedbacks realmente pertinente que ajuda-se o aluno. O professor interveio pouco na aula, o que provocou pouco dinamismo na aula, deste modo, a pouco e pouco a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula tenha um maior sucesso o professor deverá ser interventivo, passar energia e incentivo para dentro, dar reforços positivos aos alunos. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. Na conclusão da aula não existiu um transfer para a próxima aula, tendo os alunos arrumar o material utilizado na aula, muito menos questionamento.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor até se verificou bom/razoável, já que as transições eram poucas e fluentes e realizou uma progressão lógica das atividades. Muito do tempo de empenho motor resulta do jogo que o professor planeou para o fim, porque até lá a aula tinham sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições o que favorece um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte do professor. A aula foi dividida em duas matérias na parte final em que, uns alunos jogavam Raquetes de

praia e outros Futebol. Passado um determinado tempo o professor mandou trocar os alunos de atividade.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor não controla a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, exaltando-se algumas vezes com os alunos. Nem sempre usa as expressões adequadas.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
61'48" = 3708 s	38'48" = 2328 s	23' 00" = 1380 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$\begin{array}{l} 3708\text{s} \longrightarrow 100\% \\ 2328\text{s} \longrightarrow X \end{array}$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2328 \times 100)}{3708} = 63\%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 63 %, com que faz que a de tempo de “espera” seja de 37 %.

ANEXO IV – Grelha de observação nº2 do **Professor 2** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	15/05/2013	Unidade Didática:	Futebol / Raquetes
Professor observado:	João Santos	Turma:	5ªA	Local:	Exterior	Hora:	12:00 / 13:30
Nº de alunos: 17		Hora de início: 12h06		Hora do fim: 13h17		Tempo de aula: 71'31"	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário				X
		- Colocação adequada				X
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula		X		
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores	X			
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada		X		
		- Períodos curtos de instrução				X
		- Clarifica os comportamentos visados		X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos		X		
		- Utiliza a demonstração		X		
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução	X			
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem		X		
		- FB frequentes	X			
		- FB prescritivos	X			
		- FB de reforço	X			
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)	X				
	- Utiliza o questionamento	X				
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X				
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor	56'35"			
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X
		- Transições fluentes			X	
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)				X
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)	X			
- Sequência lógica nas atividades				X		
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras				X
		- Interage positivamente com os alunos	X			
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X	
		- Transmite entusiasmo e energia à aula			X	
		- Controlo da atividade dos alunos à distância		X		
		- Emite FB cruzados		X		
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica	X			
		- Comunica através de uma abordagem positiva			X	
		- Tem empatia com os alunos			X	X
		- Utiliza a comunicação não-verbal	X			
- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X		
- É audível				X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou à hora prevista, já que os alunos não demoraram muito tempo a equiparem e deslocarem-se até ao polidesportivo exterior rapidamente. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua frente de forma ordenada. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não perde-se muito tempo. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica, mais no início da aula, em que a turma estava junta, intervindo com os alunos, por vezes utilizando a demonstração mas sem dar feedbacks que pudessem ajudar os alunos numa melhor execução técnica dos gestos. Dos poucos feedbacks que o professor forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido. O professor interagiu com os alunos, algumas vezes mas sem dar feedbacks realmente pertinente que ajuda-se o aluno. O professor interveio pouco na aula, o que provocou pouco dinamismo na aula, e, a pouco e pouco, a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula tenha um maior sucesso o professor deverá ser interventivo, passar energia e incentivo para dentro, dar reforços positivos aos alunos. O professor coloca os alunos em exercitação e anda à volta do campo a verificar o que fazem e diz “ Boa, Boa jogada, isso mesmo”. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. Na conclusão da aula não existiu um transfer para a próxima aula, tendo os alunos arrumar o material utilizado na aula, muito menos questionamento.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se razoavelmente alto, porque as transições eram poucas e fluentes e realizou uma progressão lógica das atividades. Muito do tempo de empenho motor resulta do jogo que o professor planeou para o fim, porque até lá a aula tinham sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições que podem ser factores que favorecem um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte do

professor. Como disse anteriormente, o professor coloca os alunos em exercitação e “desaparece” do espaço de aula, andando os alunos livremente sem controlo. A aula foi dividida em duas matérias na parte final em que, uns alunos jogavam Raquetes de praia e outros Futebol. Passado um determinado tempo o professor mandou trocar os alunos de atividade.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor não controla a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, exaltando-se algumas vezes com os alunos. Nem sempre usa as expressões adequadas.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
71'31" = 4291 s	56'35" = 3395 s	14' 56" = 896 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$4291s \longrightarrow 100\%$$

$$3395s \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(3395 \times 100)}{4291} = 79\%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 79 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 21 %.

Síntese das duas aulas:

Aula 1: Com a análise do gráfico 3 e da grelha de observação da primeira aula (Anexo III), onde o tempo de empenho motor proporcionado aos alunos indica ser razoável. Algumas normas que o professor apresentou são: as transições eram poucas e fluentes, períodos curtos de instrução, utiliza pouca demonstração que proporciona fluidez na aula. Os 37% de tempo de “espera” são fruto de pouco planeamento por parte do professor. Factores que podem explicar esta situação é o facto, do professor não apresentar grupos ou equipas construídas antecipadamente, não começar a aula a horas, a metodologia da aula ser errada e variar constantemente o número de elementos por equipa. O tempo de empenho motor explica-se devido ao facto, dos últimos 45 minutos de tempo útil de aula resultasse de jogo, já que, anteriormente a metodologia não era favorável a uma atividade física elevada dos alunos.

Aula 2: Com a análise do gráfico 3 e da grelha de observação da segunda aula (Anexo IV), o tempo de empenho motor foi maior, consideravelmente. Este tempo de empenho motor poderá ser explicado pelas seguintes razões: aula começa a horas, regras claras, pouca alteração da metodologia e dos grupos da aula. O professor revelou novamente períodos curtos de instrução, poucas transições, pouca demonstração que proporciona fluidez na aula. Mais uma vez, como na aula 1, o professor proporcionou aos alunos muito tempo de jogo na última parte da aula, onde os alunos tiveram sempre em atividade física.

ANEXO V – Grelha de observação nº1 do Professor 3 e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	30/04/2013	Unidade Didática:	Luta
Professor observado:	Marco	Turma:	7ºB	Local:	Interior	Hora:	15:30 / 17:00
Nº de alunos: 26		Hora de início: 15h32		Hora do fim: 16h45		Tempo de aula: 72'54'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário				X
		- Colocação adequada				X
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada				X
		- Períodos curtos de instrução				X
		- Clarifica os comportamentos visados			X	
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos			X	
		- Utiliza a demonstração				X
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução		X		
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem			X	
		- FB frequentes			X	
		- FB prescritivos			X	
		- FB de reforço		X		
	<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)			X	
		- Utiliza o questionamento	X			
	Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula			
- Elevado tempo de empenhamento motor						49'16'
<u>Organização / Transição</u>		- Poucos episódios de transição			X	
		- Transições fluentes				X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)			X	
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)				X
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Sequência lógica nas atividades				X
		- Regras claras		X		
		- Interage positivamente com os alunos				X
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível				X
		- Transmite entusiasmo e energia à aula				X
		- Controlo da atividade dos alunos à distância			X	
	<u>Comunicação</u>	- Emite FB cruzados		X		
		- É credível quando comunica				X
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X
		- Tem empatia com os alunos				X
	- Utiliza a comunicação não-verbal		X			
	- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X	
	- É audível				X	

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou à hora prevista, até três minutos antes, já que são dados 5 minutos de tolerância aos alunos para equiparem. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua frente, onde estabeleceu os conteúdos a abordar na aula e os objetivos pretendidos. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não perde-se muito tempo. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica. O professor apresentou períodos curtos de instrução, utilizando muitas vezes a demonstração como forma de explicar e melhorar as ações dos alunos o professor apresentou-se interventivo dando feedbacks de reforço e prescritivos, bons para os alunos melhorarem a sua execução. Era certo que forneceu feedbacks constantes, mas nem sempre verificava se tinha o efeito pretendido.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se alto/bom, já que as transições eram poucas e fluentes e realizou uma progressão lógica das atividades. O professor apresentou rotinas estruturadas e rápidas na organização da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas ou grupos. Existiram algumas paragens para instruir novas tarefas mas, como podemos ver acima na grelha, o pouco tempo de instrução, as transições rápidas e as rotinas estruturadas proporcionaram um tempo de empenho motor aos alunos elevado.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor controla a atividade dos alunos à distância mas não emitiu feedbacks cruzados. Apresentou grande dinâmica no espaço de aula, que proporcionou uma aula intensa e motivante/desafiadora. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, utilizando uma linguagem clara e apropriada ao espaço de aula.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
72'54" = 4374 s	49'16" = 2956 s	23' 38" = 1418 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$4374 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$2956 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2956 \times 100)}{4374} = 68 \%$$

Sendo assim, a percentagem de **empenho motor** nesta aula observada foi de **68 %**, com que faz que a de **tempo de “espera”** seja de **32 %**.

ANEXO VI – Grelha de observação **nº2** do **Professor 3** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	02/05/2013	Unidade Didática:	Danças Tradicionais Portuguesas
Professor observado:	Marco	Turma:	12ªA	Local:	Interior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 18		Hora de início: 08h42		Hora do fim: 09h49		Tempo de aula: 67'14	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário		X		
		- Colocação adequada		X		
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada				X
		- Períodos curtos de instrução				X
		- Clarifica os comportamentos visados				X
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos				X
		- Utiliza a demonstração				X
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução		X		
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem				X
		- FB frequentes				X
		- FB prescritivos				X
		- FB de reforço				X
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)				X	
	- Utiliza o questionamento	X				
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula				X	
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor	35'47"			
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X
		- Transições fluentes				X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)				X
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)		X		
- Sequência lógica nas actividades				X		
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras		X		
		- Interage positivamente com os alunos				X
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível				X
		- Transmite entusiasmo e energia à aula				X
		- Controlo da atividade dos alunos à distância			X	
		- Emite FB cruzados		X		
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica				X
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X
		- Tem empatia com os alunos				X
		- Utiliza a comunicação não-verbal		X		
- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X		
- É audível				X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou um pouco atrasada devido ao atrasado do professor e do funcionário do pavilhão municipal. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua frente, onde estabeleceu os conteúdos a abordar na aula e os objetivos pretendidos. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não perde-se muito tempo. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica. O professor apresentou períodos longos de instrução, utilizando muitas vezes a demonstração como forma de explicar e melhorar as ações dos alunos o professor apresentou-se interventivo dando feedbacks de reforço e prescritivos, bons para os alunos melhorarem a sua execução. Era certo que forneceu feedbacks constantes, mas nem sempre verificava se tinha o efeito pretendido.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se baixo/pouco, mas as transições eram poucas e fluentes. O professor apresentou rotinas estruturadas e rápidas na organização da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas ou grupos. O elevado tempo de espera explica-se com as muitas paragens que o professor preconizou para dar feedbacks e demonstrar como podemos ver acima na grelha, houve muito tempo de instrução que proporcionou um tempo de empenho motor aos alunos elevado.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor controla a atividade dos alunos à distância mas nem sempre emitiu feedbacks cruzados. Apresentou grande dinâmica no espaço de aula, que proporcionou uma aula intensa e motivante/desafiadora. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, utilizando uma linguagem clara e apropriada ao espaço de aula.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
67'14" = 4034 s	35'47" = 2147 s	31'27" = 1887 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$4034 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$2147 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2147 \times 100)}{4034} = 53 \%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 53 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 47 %.

Síntese das duas aulas:

Aula 1: Com a análise do gráfico 5 e da grelha de observação da primeira aula (Anexo V), onde o tempo de empenho motor proporcionado aos alunos indica ser razoável. Para uma aula de iniciação à Luta, pode-se constatar que o empenho motor dos alunos é relativamente alto. Este valor pode ser explicado por as seguintes factos: a aula começou à hora prevista, a prelecção inicial do professor foi curta e concisa, apresentou períodos curtos de instrução, apresentou rotinas estruturadas e rápidas na organização da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas ou grupos. Os 32% de tempo de “espera” são relativos às transições, instruções e demonstrações de novas tarefas. A aula teve muitas tarefas que prejudica um tempo de empenho motor elevado.

Aula 2: Com a análise do gráfico 6 e da grelha de observação da segunda aula (Anexo VI), o tempo de empenho motor foi menor. Este tempo de empenho motor

poderá ser explicado pelas seguintes razões: aula não começou a horas, muitos episódios de instrução e demonstração. A matéria lecionada nesta aula foi Danças Tradicionais Portuguesas onde o professor instruiu novos passos e demonstrou muitas vezes o que era o pretendido.

ANEXO VII – Grelha de observação nº1 do **Professor 4** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	17/04/2013	Unidade Didática:	Dança – Aeróbica
Professor observado:	Mónica	Turma:	10ºA	Local:	Exterior	Hora:	12:00 / 13:30
Nº de alunos: 20		Hora de início: 08h38'		Hora do fim: 9h 46'		Tempo de aula: 69'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB	
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário			X		
		- Colocação adequada				X	
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula			X		
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X	
	<u>Condução da Aula</u>	- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula		X			
		- Colocação adequada					X
		- Períodos curtos de instrução	X				
		- Clarifica os comportamentos visados					X
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos					X
		- Utiliza a demonstração					X
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução				X	
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem					X
		- FB frequentes				X	
		- FB prescritivos				X	
		- FB de reforço				X	
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)				X		
	- Utiliza o questionamento	X					
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula				X	
		- Elevado tempo de empenhamento motor	40'57''				
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição					X
		- Transições fluentes					X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)					X
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)	X				
		- Sequência lógica nas actividades				X	
		- Regras claras					X
		- Interage positivamente com os alunos					X
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível				X	
		- Transmite entusiasmo e energia à aula					X
	<u>Comunicação</u>	- Controlo da atividade dos alunos à distância					X
		- Emite FB cruzados		X			
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica				X	
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X	
		- Tem empatia com os alunos					X
		- Utiliza a comunicação não-verbal				X	
		- Utiliza linguagem compreensível e adequada					X
		- É audível				X	

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 3 minutos o que não é muito mau, visto que os alunos ainda tiveram de se deslocar da escola até ao pavilhão que são sensivelmente 200 metros e equipar. A colocação da professora foi constantemente correta, em que os alunos realizaram o meio-círculo à frente desta para que se estabelecesse e apresentasse os conteúdos da aula. Sem dúvida que as prelecções iniciais da professora eram curtas e concisas para que não se perdesse muito tempo. Na Condução da aula, a professora circulou de forma dinâmica, demonstrando sempre que possível os passos da coreografia, dando muito tempo à instrução. Os seus episódios de instrução eram bastante elevados, fornecendo a maioria das vezes feedbacks à turma sobre a eficácia da realização dos passos e introduzindo novos passos. Como podemos verificar, para uma aula com duração de 69 minutos só 25 minutos e 40 segundos foram passados em empenho motor. Em termos da qualidade do feedback algumas vezes forneceu feedbacks individuais e posteriormente verificava se tinha o efeito pretendido. A maioria dos feedbacks eram de conteúdo, importantes para uma melhor execução dos passos. Na parte final da aula, os alunos realizaram uma sessão de alongamentos ao som de uma música calma, não havendo quaisquer preparações da próxima aula nem questionamento sobre o domínio cognitivo dos alunos.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, a metodologia utilizada pela professora para a lecionação deste tipo de matéria previa poucos períodos de transições, mesmo quando houve eram relativamente rápidas embora, como foi dito anteriormente, para que houvesse um excesso de instrução e demonstração, de certa forma, para introduzir novos passos e para lembrar os mais esquecidos dos passos anteriores, fez com que a tivesse pouca fluidez e com isso, pouco empenho motor dos alunos.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, a professora não tem definidas regras claras de um bom funcionamento das aulas, para que as transições sejam, por exemplo, mais rápidas. Contudo, tem a capacidade de

controlar da atividade dos alunos à distância, e com isso fornecer feedback cruzados. A professora tem uma vivacidade enorme e transporta-a para dentro da aula, fazendo uma aula com dinâmica e alegre. Apesar disso, alguns alunos do sexo masculino não quiseram desenvolver a coreografia, dizendo "que não estavam para aquilo, eu não sei dançar,...", em que a professora teve de intervir de imediato e "dar-lhes na cabeça", levando-os à razão. Em termos da comunicação, a professora observada apresenta uma linguagem sucinta, credível mas nem sempre audível apresentando uma relação próxima com os alunos, comunicando sempre numa abordagem positiva.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em "espera"
69' = 4140 s	25'40' = 1540 s	43' 20" = 2600 s

Tempo em "espera": quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$\begin{array}{l} 4140\text{ s} \longrightarrow 100\% \\ 1540\text{ s} \longrightarrow X \end{array}$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(1540 \times 100)}{4110} = 37\%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 37 %, com que faz que a de Tempo de "espera" seja de 63 %.

ANEXO VIII – Grelha de observação **nº2** do **Professor 4** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	22/04/2013	Unidade Didática:	Voleibol
Professor observado:	Mónica	Turma:	10ªA	Local:	Exterior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 26		Hora de início: 08h55'		Hora do fim: 9h 49'		Tempo de aula: 54'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário	X			
		- Colocação adequada		X		
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada		X		
		- Períodos curtos de instrução			X	
		- Clarifica os comportamentos visados			X	
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos			X	
		- Utiliza a demonstração			X	
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução	X			
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem		X		
		- FB frequentes				X
		- FB prescritivos			X	
		- FB de reforço			X	
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)		X			
	- Utiliza o questionamento	X				
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula		X		
		- Elevado tempo de empenhamento motor	50'27			
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X
		- Transições fluentes				X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)	X			
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)				X
		- Sequência lógica nas actividades	X			
		- Regras claras	X			
		- Interage positivamente com os alunos			X	
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X	
	<u>Comunicação</u>	- Transmite entusiasmo e energia à aula		X		
		- Controlo da atividade dos alunos à distância		X		
		- Emite FB cruzados	X			
		- É credível quando comunica				X
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X
		- Tem empatia com os alunos				X
		- Utiliza a comunicação não-verbal		X		
		- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X
		- É audível			X	

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso bastante grande cerca de 20 minutos. A professora chegou um pouco atrasada e a montagem do material (rede) ainda atrasou mais o começo da aula. A colocação da professora foi errada na prelecção inicial, uma vez que, estavam alunos nas costas dela, enquanto esta a falar. Na Condução da aula, a professor nem sempre se colocava bem, já que existiam dois campos de voleibol e a docente por vezes circulava no meio permanecendo parada e dando feedbacks, quando tinha alunos nas suas costas em exercitação. Os seus episódios de instrução foram curtos e escassos. Como podemos verificar, para uma aula com duração de 54 minutos foram passados em empenho motor 50'27". O que quer dizer, que houve 3'30" de tempo de "espera" o que é muito pouco. Todo este tempo é justificado na dimensão da gestão da aula. Em termos da qualidade do feedback, a professora preconizava feedbacks individuais, a grupos de 2 ou 4 elementos e sempre que possível fechava o ciclo de feedback para verificar se o anterior teve o efeito pretendido. A maioria dos feedbacks eram de conteúdo, importantes para uma melhor execução técnica. Sempre que possível a professora realiza uma demonstração. Todos estes feedbacks tiveram pouco episódios, verificando-se pouco controlo da atividade dos alunos. Na parte final da aula, os alunos limitaram-se a arrumar o material da aula, não havendo uma ligação para a próxima aula, nem qualquer tipo de questionamento

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, pode-se justificar o reduzido tempo de "espera" (3 minutos e 30 segundos) que existiu nesta aula. A aula não teve quaisquer transições, já que só existiu uma atividade na aula. A única transição foi da prelecção inicial para início da tarefa. Este tempo reduzido também se pode explicar através do facto da aula nunca ter parada, houve uma fluidez constante. A atividade durante a aula era sempre 1x1 ou 2x2 conforme as capacidades dos alunos ou 4x4 num grupo com mais competências técnicas.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, a professora não tem definas regras claras de um bom funcionamento, para que as transições sejam,

por exemplo, mais rápidas, apesar nesta aula serem poucas. A professora tem um bom relacionamento com os alunos. A professora transmitiu pouca energia à aula, a aula ficou muito parada com pouca motivação dos alunos, alguns sentaram-se junto à tabela a olhar para os seus colegas. Faltou um pouco de controlo por parte da professora dos alunos à distância, a professora fixava-se muito num grupo com menos capacidades, não levantando a cabeça e controlar a atividade dos alunos, fornecendo por vezes, e se arranjar pertinente, feedbacks cruzados. A professora não deixa passar muito comportamento inapropriados, dando castigos aos alunos, como por exemplo realizar flexões.

A docente tem uma linguagem simples, clara e concisa facilitando a compreensão da mensagem por parte dos alunos.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
54' = 3240 s	50'27' = 3027 s	3'33" = 213 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$3240 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$3027 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(3027 \times 100)}{3240} = 93 \%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 93 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 7 %.

Síntese das duas aulas:

Aula 1: Pode-se observar no gráfico 7 e da análise da grelha de observação da primeira aula (Anexo VII), que o pouco tempo de empenho motor se deve sobretudo ao muito tempo de instrução e demonstração. A matéria de Aeróbica não é exemplo de muito tempo empenho motor proporcionado aos alunos, a não ser nas últimas aulas de consolidação. Sendo assim, os episódios de instrução eram bastante elevados, fornecendo a maioria das vezes feedbacks à turma sobre a eficácia da realização dos passos e introduzindo novos passos. Todas estas paragens fizeram com que a aula tivesse pouca fluidez e assim pouco tempo de empenho motor.

Aula 2: Pode-se observar no gráfico 8 e da análise da grelha de observação da segunda aula (Anexo VIII), que o tempo de empenho motor é exagerado, e que pode ser justificado pelo facto de, a aula não ter quaisquer transições, já que só existiu uma atividade na aula. A única transição foi da prelecção inicial para início da tarefa. Este tempo reduzido também se pode explicar através do facto de a aula nunca ter parado, houve portanto, uma fluidez na aula. A atividade durante a aula foi sempre 1x1 ou 2x2 conforme as capacidades dos alunos ou 4x4 num grupo com mais competências técnicas. A aula começou com um atraso bastante grande e quando chegou ainda demorou na montagem do material (rede) da aula. Em termos da qualidade do feedback era individual e a grupos de 2 ou 4 elementos e sempre que possível fecha o círculo de feedback e se tinha o efeito pretendido. A maioria dos feedbacks eram de conteúdo, importantes para uma melhor execução técnica. Sem que possível a professora realiza uma demonstração. A professora transmitiu pouca energia à aula, a aula ficou muito parada com pouca motivação dos alunos, alguns sentaram-se junto à tabela a olhar para os seus colegas. Faltou um pouco de controlo por parte da professora dos alunos à distância, a professora fixava-se muito num grupo com menos capacidades, não levantando a cabeça e controlar a atividade dos alunos, fornecendo por vezes, e se arranjar pertinente, feedbacks cruzados.

ANEXO IX – Grelha de observação nº1 do **Professor 5** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	17/04/2013	Unidade Didática:	Ténis
Professor observado:	Otilia	Turma:	10ºA	Local:	Exterior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 20		Hora de início: 08h38'		Hora do fim: 9h 46'		Tempo de aula:68'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB	
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário			X		
		- Colocação adequada		X			
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X	
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores			X		
	<u>Condução da Aula</u>	- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X	
		- Colocação adequada		X			
		- Períodos curtos de instrução		X			
		- Clarifica os comportamentos visados		X			
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos	X				
		- Utiliza a demonstração		X			
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução		X			
		- Certifica-se da compreensão da mensagem		X			
	<u>Qualidade do FB</u>	- FB frequentes			X		
		- FB prescritivos	X				
		- FB de reforço	X				
		- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)	X				
<u>Conclusão da Aula</u>	- Utiliza o questionamento	X					
	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X					
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor	40'13"				
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição			X		
		- Transições fluentes			X		
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)		X			
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)			X		
- Sequência lógica nas actividades			X				
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras		X			
		- Interage positivamente com os alunos			X		
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X		
		- Transmite entusiasmo e energia à aula	X				
		- Controlo da atividade dos alunos à distância	X				
		- Emite FB cruzados	X				
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica			X		
		- Comunica através de uma abordagem positiva			X		
		- Tem empatia com os alunos			X		
		- Utiliza a comunicação não-verbal		X			
- Utiliza linguagem compreensível e adequada			X				
- É audível			X				

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados.

Na dimensão – **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 3 minutos o que não é muito mau, visto ser a primeira aula da manhã. A colocação da professora foi constantemente errada, estando a apresentar os conteúdos da aula com alunos nas suas costas. Sem dúvida que as prelecções da professora foram curtas e concisas para que não se perde-se muito tempo. Na Condução da aula a professora voltou a colocar-se mal, uma vez que a estratégia que adotou foi 2 grupos a trabalhar em 2 campos, por vezes a professora circulava no meio e dava feedbacks quase sempre sem conteúdo (boa, fizeste bem, contínua, estás no bom caminho, a seguir fazes melhor...), sem que houvesse conteúdo, de forma a corrigir os erros que eram visíveis. Dos poucos feedbacks que a professora forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido. A professora utiliza pouco tempo de instrução e circula de forma muito lenta, o que provoca pouco dinamismo na aula, a pouco e pouco a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula ser alegre e interessante é o próprio professor que tem de dar essa motivação, passar a energia para dentro. Sempre que possível a professor demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. Na conclusão da aula não existiu um transfer para a próxima aula, tendo os alunos de arrumar o material utilizado na aula.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor até se verificou elevado. Entanto, podia ser muito mais proveitoso, já que, em vez de realizar uma fila em que 1 a 1 realizava pancada na bola com e sem raquete, colocavam-se a pares frente a frente realizando a mesma tarefa, assim sendo, houve pouco empenho motor. Os 40 minutos, aproximadamente, de tempo de empenho motor resulta do jogo que a professora planeou para o fim, porque até lá a aula tinha sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições o que favorece um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte da professora.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, a professora não controla a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a professora é coerente na sua linguagem, a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. Existe confiança entre os aluno-professora e professora- aluno.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
68' = 4080 s	40'13" = 2413 s	27' 47" = 1667 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$4080 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$2413 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2413 \times 100)}{4080} = 59 \%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 59 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 41 %.

ANEXO X – Grelha de observação **nº2** do **Professor 5** e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	24/04/2013	Unidade Didática:	Ténis
Professor observado:	Otilia	Turma:	10ªA	Local:	Exterior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 20		Hora de início: 08h41'		Hora do fim: 9h 47'		Tempo de aula: 66'	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB	
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário		X			
		- Colocação adequada		X			
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X	
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X	
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X	
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada			X		
		- Períodos curtos de instrução			X		
		- Clarifica os comportamentos visados			X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos	X				
		- Utiliza a demonstração			X		
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução			X		
		- Certifica-se da compreensão da mensagem			X		
	<u>Qualidade do FB</u>	- FB frequentes			X		
		- FB prescritivos	X				
		- FB de reforço			X		
<u>Conclusão da Aula</u>	- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)	X					
	- Utiliza o questionamento	X					
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula	X				
		- Elevado tempo de empenhamento motor				42'31"	
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição				X	
		- Transições fluentes				X	
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)			X		
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)				X	
		- Sequência lógica nas actividades				X	
		- Regras claras			X		
		- Interage positivamente com os alunos				X	
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível				X	
	<u>Comunicação</u>	- Transmite entusiasmo e energia à aula			X		
		- Controlo da atividade dos alunos à distância	X				
		- Emite FB cruzados	X				
		- É credível quando comunica				X	
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X	
	- Tem empatia com os alunos				X		
	- Utiliza a comunicação não-verbal			X			
	- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X		
	- É audível				X		

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados. As aulas observadas foram muito idênticas tanto a nível da metodologia da professora como da sua intervenção.

Na dimensão de **Instrução**, a aula começou com um atraso de sensivelmente 6 minutos que é razoável, já que é a primeira aula da manhã. A colocação da professora foi novamente errada, estando a apresentar os conteúdos da aula com alunos nas suas costas. Sem dúvida que as prelecções da professoras eram curtas e concisas para que não se perde-se muito tempo de empenho motor. Na Condução da aula a professora voltou a colocar-se de forma errada, deslocando-se novamente entre os dois campos e quando fornecia algum tipo de feedback estava de costas para o outro grupo em execução motora. Dos feedbacks que forneceu quase nenhum visou auxiliar os alunos a ultrapassar as suas dificuldades. Os feedbacks usados eram prescritivos e avaliativos. Dos poucos feedbacks que a professora forneceu, nunca visualizou se o feedback dado teve o resultado pretendido (fechar ciclos de feedback). A professora utiliza pouco tempo de instrução e circula de forma muito lenta, o que provoca pouco dinamismo na aula, a pouco e pouco a aula foi perdendo intensidade/energia. Para que a aula seja alegre e interessante é o próprio professor que tem de dar essa motivação. Sempre que possível a professora demonstrou o que pretendia mas nem sempre captava a atenção da turma toda. Na conclusão da aula não existiu um transfer para a próxima aula, tendo os alunos eu arrumar o material utilizado na aula.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor até se verificou elevada. A metodologia utilizada foi igual à da aula número 1. Os 42 minutos aproximadamente de tempo de empenho motor resulta do jogo que a professora planeou para o fim, porque até então, a aula tinham sido muito parada. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução e de transições o que favorece um empenho motor maior, mas talvez atreva a dizer que não controlado, sem que haja uma regulação por parte da professora.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, a professora não controla a atividade dos alunos à distância e

com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a professora é coerente na sua linguagem, a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
66'17 = 3977 s	42'31" = 2551 s	23' 46" = 1426 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$3977 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$2551 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2551 \times 100)}{3977} = 64 \%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 64 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 36 %.

Síntese das duas aulas:

Aula 1: Pode-se observar no gráfico 7 e da análise da grelha de observação da primeira aula (Anexo VII), que o pouco tempo de empenho motor se deve sobretudo ao muito tempo de instrução e demonstração. A matéria de Aeróbica não é exemplo de muito tempo empenho motor proporcionado aos alunos, a não ser nas últimas aulas de consolidação. Sendo assim, os episódios de instrução eram bastante elevados, fornecendo a maioria das vezes feedbacks à turma sobre a eficácia da realização dos passos e introduzindo novos passos. Todas estas paragens fizeram com que a aula tivesse pouca fluidez e assim pouco tempo de empenho motor.

Aula 2: Pode-se observar no gráfico 8 e da análise da grelha de observação da segunda aula (Anexo VIII), que o tempo de empenho motor é exagerado, e que pode ser justificado pelo facto de, a aula não ter quaisquer transições, já que só existiu uma atividade na aula. A única transição foi da prelecção inicial para início da tarefa. Este tempo reduzido também se pode explicar através do facto de a aula nunca ter parado, houve portanto, uma fluidez na aula. A atividade durante a aula foi sempre 1x1 ou 2x2 conforme as capacidades dos alunos ou 4x4 num grupo com mais competências técnicas. A aula começou com um atraso bastante grande e quando chegou ainda demorou na montagem do material (rede) da aula. Em termos da qualidade do feedback era individual e a grupos de 2 ou 4 elementos e sempre que possível fecha o círculo de feedback e se tinha o efeito pretendido. A maioria dos feedbacks eram de conteúdo, importantes para uma melhor execução técnica. Sem que possível a professora realiza uma demonstração. A professora transmitiu pouca energia à aula, a aula ficou muito parada com pouca motivação dos alunos, alguns sentaram-se junto à tabela a olhar para os seus colegas. Faltou um pouco de controlo por parte da professora dos alunos à distância, a professora fixava-se muito num grupo com menos capacidades, não levantando a cabeça e controlar a atividade dos alunos, fornecendo por vezes, e se arranjar pertinente, feedbacks cruzados.

ANEXO XI – Grelha de observação nº1 do Professor estagiário 1 e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	30/04/2013	Unidade Didática:	Tag Râguebi
Professor observado:	David Nunes	Turma:	9ªA	Local:	Exterior	Hora:	12:00 / 13:30
Nº de alunos: 19		Hora de início: 08h45		Hora do fim: 09h46		Tempo de aula: 60'11"	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB	
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário			X		
		- Colocação adequada				X	
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X	
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X	
	<u>Condução da Aula</u>	- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula					X
		- Colocação adequada			X		
		- Períodos curtos de instrução			X		
		- Clarifica os comportamentos visados			X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos			X		
		- Utiliza a demonstração		X			
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução		X			
	<u>Qualidade do FB</u>	- Certifica-se da compreensão da mensagem				X	
		- FB frequentes				X	
		- FB prescritivos				X	
	<u>Conclusão da Aula</u>	- FB de reforço				X	
		- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)		X			
		- Utiliza o questionamento	X				
	Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula				X
- Elevado tempo de empenhamento motor						43'10'	
<u>Organização / Transição</u>		- Poucos episódios de transição			X		
		- Transições fluentes			X		
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)				X	
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)				X	
		- Sequência lógica nas actividades				X	
		- Regras claras			X		
		- Interage positivamente com os alunos			X		
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X		
		- Transmite entusiasmo e energia à aula		X			
	<u>Comunicação</u>	- Controlo da atividade dos alunos à distância		X			
		- Emite FB cruzados		X	X		
		- É credível quando comunica			X		
		- Comunica através de uma abordagem positiva			X		
	- Tem empatia com os alunos		X				
	- Utiliza a comunicação não-verbal			X			
	- Utiliza linguagem compreensível e adequada		X				
		- É audível					

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula começou com um atraso de sensivelmente 11 minutos, uma vez que é a primeira hora da manhã, os auxiliares da ação educativa chegam um pouco atrasados o que prejudica o início das aulas. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua frente, onde estabeleceu os conteúdos a abordar na aula e os objetivos pretendidos. A preleção inicial do professor foi curta e concisa. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica, fornecendo feedbacks pertinentes e parava a aula quando achava que era necessário para dar feedbacks coletivos. O professor apresentou períodos curtos de instrução, utilizando muitas poucas vezes a demonstração como forma de explicar e melhorar as ações dos alunos o professor apresentou-se interventivo dando feedbacks de reforço e prescritivos, bons para os alunos melhorarem a sua execução. Era certo que forneceu feedbacks constantes, nas não verificava se tinha o efeito pretendido.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se alto/bom. O professor apresentou rotinas estruturadas na organização da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas. Como podemos ver acima na grelha, houve pouco tempo de instrução, de transições, de rotinas estruturadas e poucas paragens na aula o que proporciona um tempo de empenho motor aos alunos elevado.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor controla vagamente a atividade dos alunos à distância e com isso não emite feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara e pouco audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, utilizando uma linguagem clara e apropriada ao espaço de aula.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
60'11" = 3611 s	43'10" = 2590 s	17' 01" = 1021 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$\begin{array}{l} 3611s \longrightarrow 100 \% \\ 2590 s \longrightarrow X \end{array}$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(2590 \times 100)}{3611} = 72 \%$$

Sendo assim, a **percentagem de empenho motor** nesta aula observada foi de **72 %**, com que faz que a de **Tempo de “espera”** seja de **28 %**.

Síntese da aula:

Aula 1: Com a análise do gráfico 11 e da grelha de observação da aula (Anexo XI), percebe-se que o tempo de empenho motor proporcionado aos alunos é bom/elevado.

Algumas foram as ações que o professor adotou nas suas aulas para proporcionar este tempo de atividade motor aos seus alunos, tanto a nível do planeamento como das estratégias e intervenção pedagógica. Sendo assim, o professor apresentou os conteúdos e os objetivos a desenvolver de forma curta e concisa. Na condução da aula, o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula, fornecendo feedbacks pertinentes e parava a aula quando achava que era

necessário para dar feedbacks coletivos. O professor apresentou períodos curtos de instrução, utilizando muitas poucas vezes a demonstração como forma de explicar e melhorar as ações dos alunos. O professor apresentou-se interventivo dando feedbacks de reforço e prescritivos, bons para os alunos melhorarem a sua execução. Era certo que forneceu feedbacks constantes, mas não verificava se tinha o efeito pretendido. O professor controlava vagamente a atividade dos alunos à distância, já que, não emitia quaisquer feedbacks cruzados. Na comunicação a sua instrução é clara mas pouco audível.

ANEXO XII – Grelha de observação nº1 do Professor estagiário 2 e análise reflexiva

Ano Letivo:	2012/2013	Período:	3º	Data:	02/05/2013	Unidade Didática:	Danças Tradicionais Portuguesas
Professor observado:	Vítor Pires	Turma:	12ªA	Local:	Interior	Hora:	08:30 / 10:00
Nº de alunos: 23		Hora de início: 10h21		Hora do fim: 11h42		Tempo de aula: 81'14	

DIMENSÃO		CATEGORIAS	Ins	Suf	B	MB
Instrução	<u>Informação Inicial</u>	- Começa a aula no horário				X
		- Colocação adequada				X
		- Apresenta os conteúdos a desenvolver na aula				X
		- Relaciona o trabalho com as aulas anteriores				X
		- Clareza na comunicação sem consumo excessivo do tempo de aula				X
	<u>Condução da Aula</u>	- Colocação adequada				X
		- Períodos curtos de instrução		X		
		- Clarifica os comportamentos visados		X		
		- Circula com dinâmica, intervindo frequentemente com os alunos				X
		- Utiliza a demonstração				X
		- Utiliza meios auxiliares facilitadores da instrução		X		
		- Certifica-se da compreensão da mensagem			X	
	<u>Qualidade do FB</u>	- FB frequentes				X
		- FB prescritivos			X	
		- FB de reforço			X	
		- Verifica se o FB teve o efeito pretendido (fecha o ciclo de feedback)		X		
	<u>Conclusão da Aula</u>	- Utiliza o questionamento	X			
		- Existe revisão e/ou extensão da matéria/ Preparação da próxima aula				X
Gestão	<u>Gestão do Tempo</u>	- Elevado tempo de empenhamento motor	29'05''			
	<u>Organização / Transição</u>	- Poucos episódios de transição			X	
		- Transições fluentes				X
		- Rotinas estruturadas na organização da aula (grupos, equipas, troca de exercícios,...)				X
		- Poucas paragens na atividade (Fluidez na aula)		X		
		- Sequência lógica nas actividades				X
Clima / Disciplina	<u>Controlo</u>	- Regras claras			X	
		- Interage positivamente com os alunos				X
		- Ignora comportamentos inapropriados sempre que possível			X	
		- Transmite entusiasmo e energia à aula				X
		- Controlo da atividade dos alunos à distância			X	
		- Emite FB cruzados		X		
	<u>Comunicação</u>	- É credível quando comunica				X
		- Comunica através de uma abordagem positiva				X
		- Tem empatia com os alunos				X
		- Utiliza a comunicação não-verbal		X		
		- Utiliza linguagem compreensível e adequada				X
		- É audível				X

Reflexão

Esta reflexão tem como objetivo relatar a grelha acima preenchida, aquando a observação da aula. Não é mais que a minha reflexão sobre a aula e sobre os factos observados perante as 3 dimensões – Instrução, Gestão e Clima/Disciplina.

Na dimensão de **Instrução**, na informação inicial, a aula não começou com nenhum atraso, começando ainda um pouco antes do previsto. A colocação do professor foi boa, estando a apresentar os conteúdos a abordar na aula com os alunos à sua frente, onde estabeleceu os conteúdos a abordar na aula e os objetivos pretendidos. A prelecção inicial do professor foi curta e concisa para que não perdesse muito tempo. Na condução da aula o professor circulou de forma correta, quase sempre, de forma periférica para uma visão global da atividade dos alunos no espaço de aula. O professor circulava com dinâmica. O professor apresentou períodos longos de instrução, utilizando muitas vezes a demonstração como forma de explicar e melhorar as ações dos alunos o professor apresentou-se interventivo dando feedbacks de reforço e prescritivos, bons para os alunos melhorarem a sua execução. Era certo que forneceu feedbacks constantes, mas nem sempre verificava se tinha o efeito pretendido.

Na próxima dimensão – **Gestão da aula**, o tempo de empenho motor verificou-se baixo/pouco. O professor apresentou rotinas estruturadas e rápidas na organização da aula, no que diz respeito, à constituição das equipas ou grupos. Existiram muitas paragens para dar feedbacks e demonstrar como podemos ver acima na grelha, houve muito tempo de instrução que proporcionou um tempo de empenho motor aos alunos elevado.

No que diz respeito à última dimensão – **Clima/Disciplina**, no que diz ao controlo da atividade, o professor controla a atividade dos alunos à distância mas não emitiu feedbacks cruzados. Apresentou grande dinâmica no espaço de aula, que proporcionou uma aula intensa e motivante/desafiadora. Na comunicação a sua instrução é clara e audível e tem empatia nos alunos. O tipo de linguagem utilizado na aula é recomendável, utilizando uma linguagem clara e apropriada ao espaço de aula.

Tempo Total de aula	Tempo de empenho motor	Tempo Total de aula - Tempo de empenho motor = Tempo em “espera”
81'14" = 4874 s	29'05" = 1745 s	52'09" = 3129 s

Tempo em “espera”: quantidade de tempo em que os alunos não passam envolvidos numa tarefa de aprendizagem (empenho motor), ou seja, Organizações/transições, Disciplina, Instrução,....

Segundo a seguinte equação, podemos obter a percentagem de tempo de empenho motor.

$$4874 \text{ s} \longrightarrow 100 \%$$

$$1745 \text{ s} \longrightarrow X$$

Tempo de empenho motor em percentagem:

$$X = \frac{(1745 \times 100)}{4874} = 36 \%$$

Sendo assim, a percentagem de empenho motor nesta aula observada foi de 36 %, com que faz que a de Tempo de “espera” seja de 64 %.

Síntese da aula:

Aula 1: Com a análise do gráfico 12 e da grelha de observação da aula (Anexo XII), percebe-se que o tempo de empenho motor proporcionado aos alunos é fraco/pouco.

Como se pode constatar, não foi falta de planeamento, nem excesso de tempo em termos de organização da aula. A intervenção do professor na aula é que foi muito diferente, uma vez que a matéria assim o obrigava. Apesar do grande esforço que o professor apresentou a realizar transições fluentes, rotinas estruturas, organização de grupos antes da aula, esta acabou por ter pouco tempo de empenho motor. O constante feedback, auxiliado por a demonstração eficaz tornou a aula pouco fluente mas muito enriquecedora em termos de aprendizagem/progresso dos alunos.